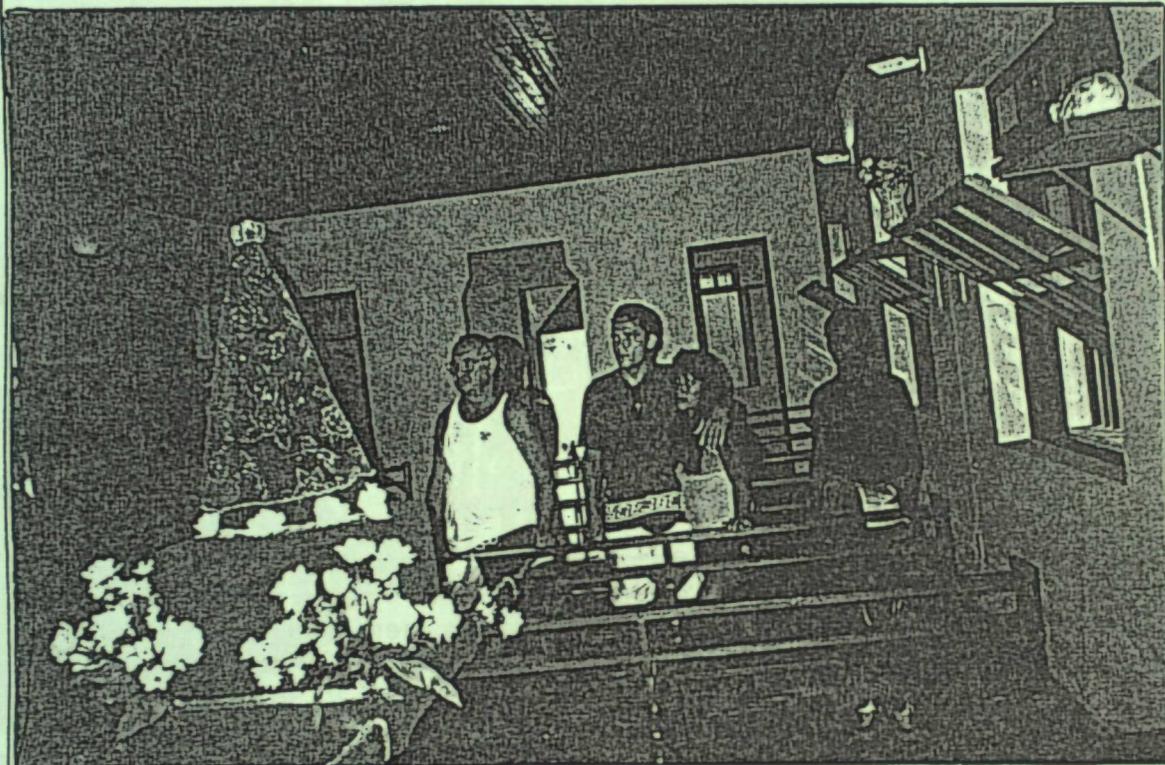


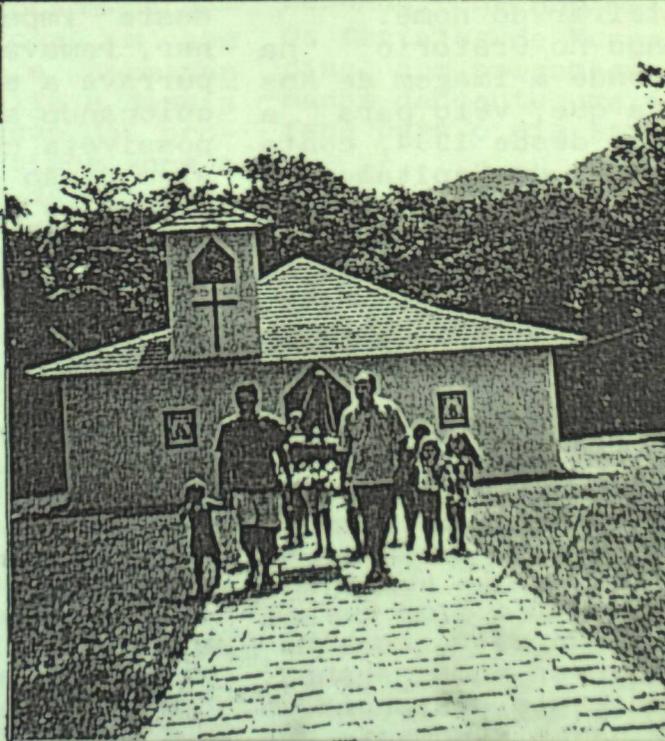
ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 15/11/02

A Procissão de Nossa Senhora Aparecida

VILA DOIS RIOS. Em, 12/10/2002, mais de duas dezenas de pessoas compareceram



na atiga Colônia do Presídio e se juntaram aos moradores para acompanhar a procissão de Nossa Senhora Aparecida, uma das maiores obrigações religiosas da vila. O percurso de cerca de um quilômetro foi completado em pouco menos de um quarto de hora. O cortejo saiu às 10h, com meia hora de atraso, por conta da pregação do sermão, no Salão da capelinha, local do ponto de partida da procissão. Nenhuma das 20 ou 30 pessoas que estavam na paróquia ficou apressada. Mas a saída foi considerada rápida, provocando pedido mais lento, na condução da imagem seguindo na Av. Rio de Janeiro.



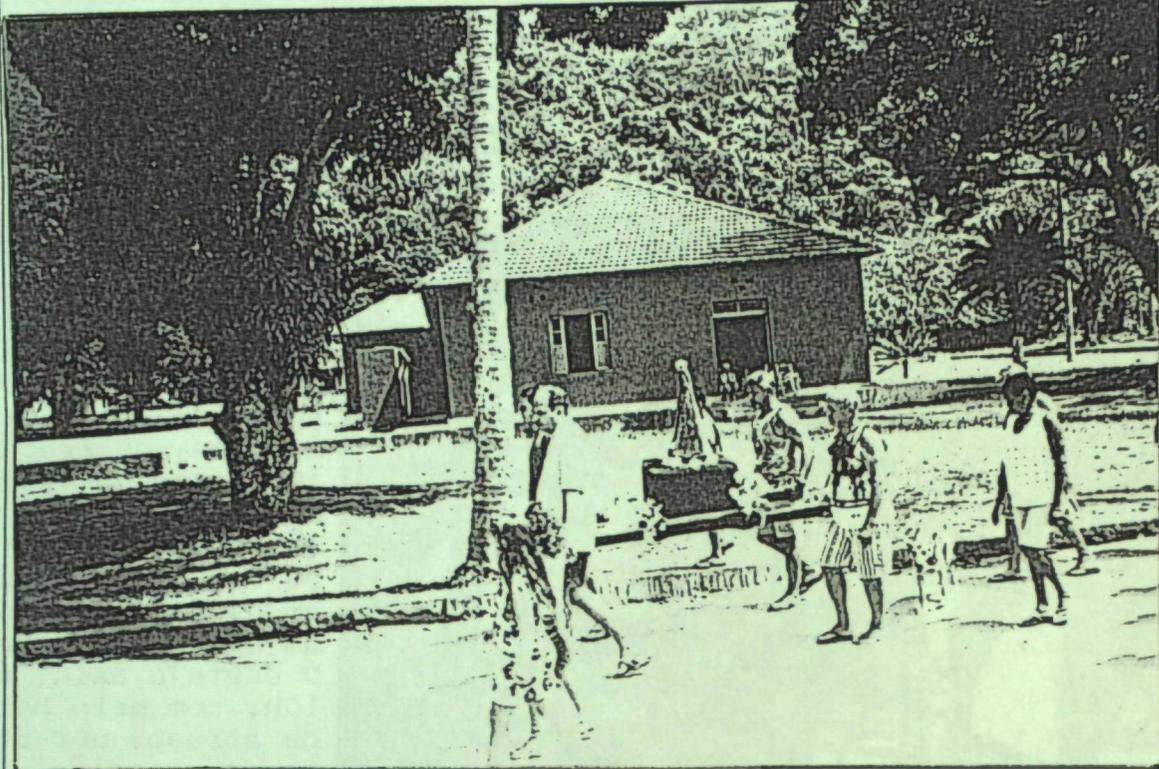
ÍNDICE	PÁGINA
A PROCISSÃO N.S.A.	01
O DIA DA CRIANÇA	05
A ESCOLA EST. P.J.M.	09
TRANSPORTE	11
GENTE QUE FAZ	12
IMAGINANDO A VIDA	14
MUSEUS	14
O PINTO SABIDO	15
REUNIAO DE SABADO	17
REPRODIZINDO/PRESÍDIO	18
C.V.O.	19
PANORAMA NACIONAL	20
ASSOCIAÇÃO/MORADORES	21
VÍDEOS/AGRADECIMENTOS	22

do presídio pela avenida central da Vila, onde foi realizada a romaria a pé pelo mesmo trajeto, por poucas pessoas. Na Capela ao lado direito do altar, a imagem foi colocada de frente e acomodada para estar ali pouco mais de 6h, estavam pretendendo pagar uma promessa a Padroeira do Brasil.

O número de fiéis ficou acima do esperado se comparado aos anos anteriores pe

pelos organizadores, que costumavam receber apenas cerca de uma dezena de pessoas por esta ocasião de outubro. Naquele domingo a Capela manteve a programação normal com sermão aos fiéis, que foi

ao contrário, a obrigação começou ali seus companheiros entenderam que o senhor Luiz havia perdido as forças com isso conduziram a pequena embarcação para bem próximo da margem, deixaram com que o amigo nadasse até a praia e voltaram a remar com objetivo de pescar num lugar do costume um pouco afastado.



O senhor Luiz uma vez estando em terra manteve calmo um bom tempo. Quando, porém, a tarde já caía ele notou que os companheiros demoravam voltar, começou ficar inquieto, conta ele, procurou um ponto mais alto por perto da praia para avistá-los, olhando viu o mar revolto pela frente, sem nada poder fazer em socorro daquele pescadores, pois a Vi-

celebrado de 9h30m, às 10h e mais tarde as pessoas retomaram os seus afazeres depois da procissão.

A história - trata de três amigos: Os personagens são Adalberto, Luiz e um outro senhor que peço-lhe desculpas pela minha falha não inteirar do nome.

O préstito terminou no Oratório na porta do Presídio, onde a imagem de Nossa Senhora Aparecida que, veio para a Vila Dois Rios habita desde 1994, conta-se que ela foi trazida da Capital, Cidade do Rio de Janeiro, especialmente da Igreja Santa Isabel do bairro de Bento Ribeiro, para receber uma promessa dessas três pessoas, entre elas trata-se de um morador da Vila Dois Rios, que tem uma missão a cumprir à Santa nesta ocasião neste lugar.

Um morador lá de Bento Ribeiro lhe pediu ao paroco de Santa Isabel, tarefa do senhor Luis Gonzaga Henrique, que acreditava ter sido ele quem recebeu primeiro, a obrigação suprema da promessa para com a santa, no dia de uma aventureira pescaria que, não deu certo, em que os amigos encontravam-se na vila, combinaram e, saíram para pescar numa canoa. Quando seguiam a uma certa distância o senhor Luiz viu que naquele momento não podia mais prosseguir o destino desautorados do fato. Pediu aos seus companheiros para regressar à praia e deixá-lo onde fosse possível, houve grande insistência por parte dos outros dois, mas, sendo assim esclareceu que não era por ele e, sim, havia algo dizendo

la Dois Rios por esta ocasião encontrava-se isolada, sem qualquer forma de comunicação, a mesma havia sido interrompida pela queda do presídio. A tarde já ia longe e lá do alto mar uma enorme corrente de vento conhecida como "suldeste" impedia aos companheiros retornar, remavam, remavam, mas o vento empurrava a embarcação em outra direção, colocando a cada vez mais em risco de possíveis choque com as pedras da ilha, além disso cada vez mais distanciava da margem, os remos não adiantavam de nada, com ceteza já quase em alto mar, somente um milagre os salvariam -, foi quando os dois si lembraram de que, naquele dia era o Dia de Nossa Senhora Aparecida, 12 de outubro de 1994, então, suplicaram-a, pedindo com instância e humildade que, os salvassem a vida, na mesma hora o pé de vento foi serenando, soprando a embarcação pela popa, deixando com que os dois pescadores passassem remando na imensidão do mar até chegar próximo a praia, já a vista do amigo Luiz tornava-se mais calmo, mesmo assim ainda muito angustiado implorava à Nossa Senhora e, milagrosamente os três foram salvos.

Passada aquelas horas de perigo os três companheiros de longos anos entenderam que aquele dia, era um Dia Santo que, deveria ser marcado na memória do povo da Vila Dois Rios para sempre.

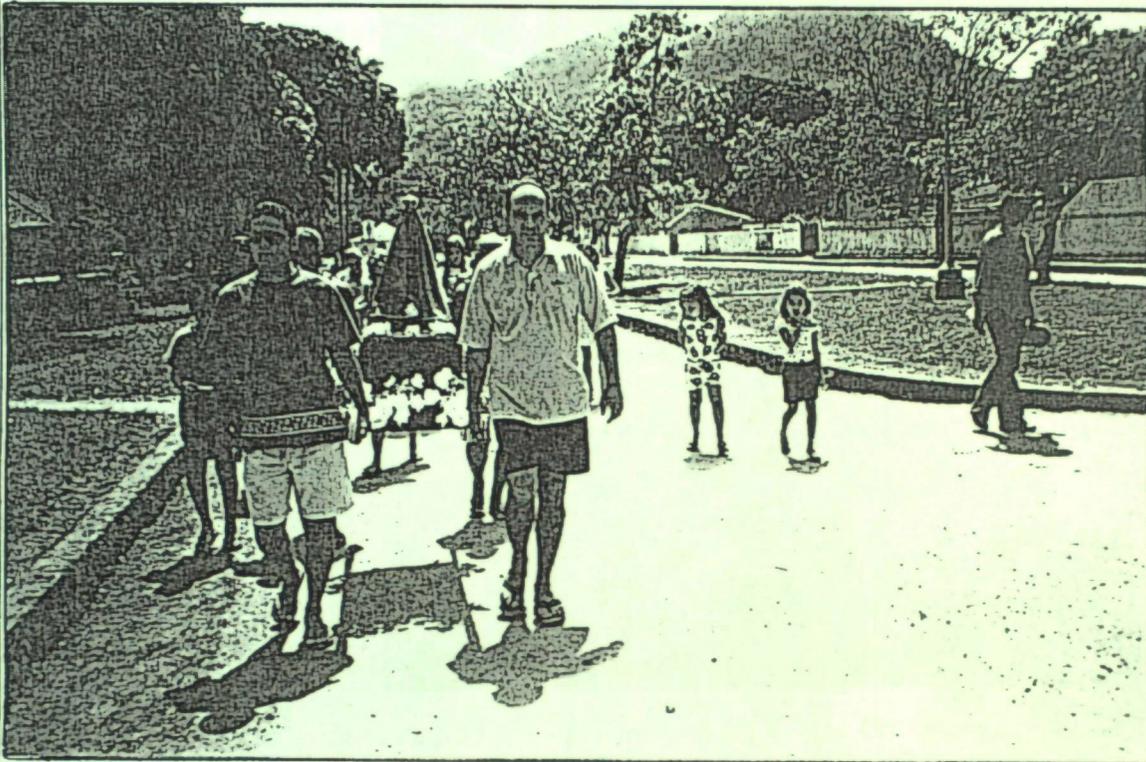
Algum tempo depois o senhor Luiz trouxe a imagem de Nossa Senhora para a casa do senhor Adalberto, um sargento da reserva da Polícia Militar residente na

o de 20
esou ali
com se-
a

Vila Dois Rios que trabalhou na 4ª CIPM pelo presídio, manteve a imagem em sua residência, depois levou-a para o acervo da Capelinha Nossa Senhora dos Homens até ser escolhido o local, o que logo foi feito por ele e, aí a imagem passou a habitar em definitivo, justamente, sobre o pedestal do busto do Professor, Conde, Cândido Mendes de Almeida (1866-1939), considerado o amior estudioso do Sistema Penal que, o Brasil já teve.

eram 9h e, 30m, foram até às 10, na saída da capelinha passaram ao canto da Prece do Rogo, previamente combinada na frente do altar. O senhor Luiz como sempre esteve presente, o que parece-me com quase toda a família e, também, alguns amigos, com certa dificuldade de caminhar pediu que, o deslocamento da charola fosse bem devagar. Neste dia a maioria dos moradores da Vila deixaram seus afazeres naquela manhã para assistir a procissão ou acompanhá-la até o Nicho, onde foi encerrada a solenidade à Nossa Senhora Aparecida com honras de chefe de estado.

O almoço: Após a procissão, as famílias reúnem-se para um tradicional almoço, com comidas típicas da região no Clube da Perua, onde normalmente tomam a bebida chamada "perua", uma especialidade preparada na hora no clube a base de caldo de cana da horta ali mesmo, misturada com aguardente, onde vão



Antes da santinha ser colocada naquele lugar ela foi levada de casa em casa dos moradores da Vila, onde a permanência era por um dia e uma noite e depois mudava, (conforme é a obrigação da promessa), muito embora nos últimos anos a rotina caiu no esquecimento da Comunidade. Atualmente, o fato que evidencia o milagre passa quase que por despecebido entre o povoado, mas para o senhor Luiz e sua família não, nem para o senhor Adalberto e os demais amigos que, todo ano por esta ocasião cuidam da peregrinação sem deixa-la perecer.

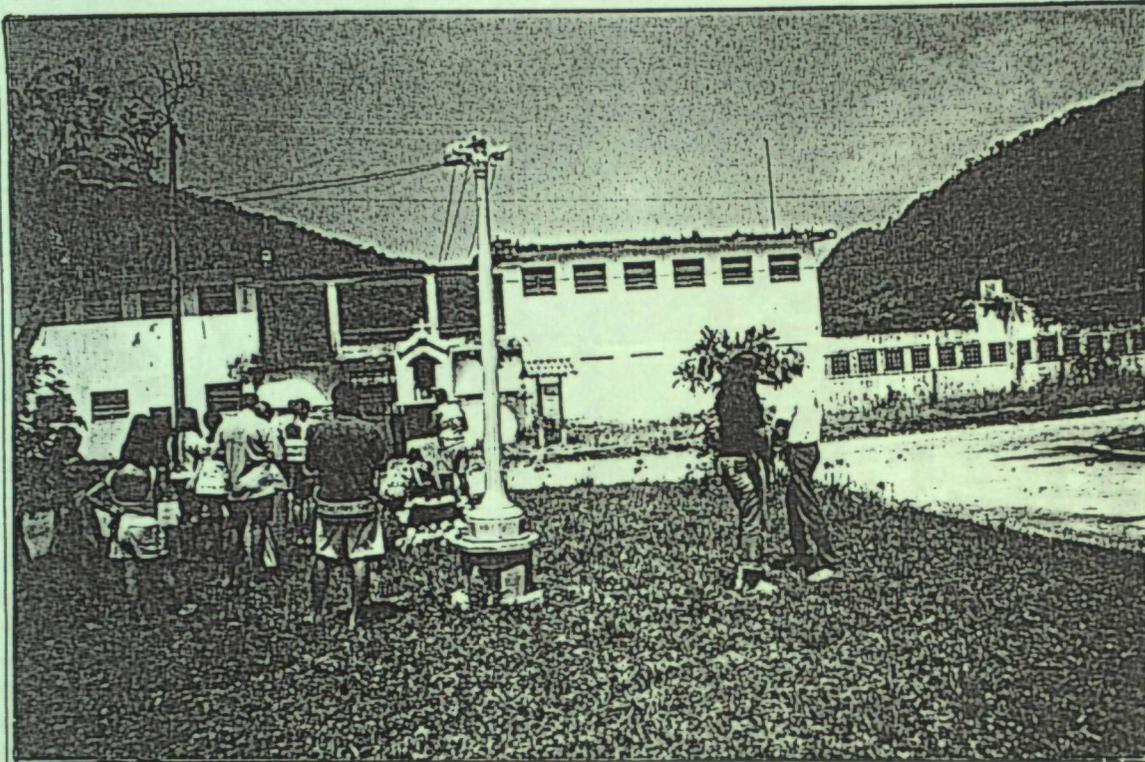
A promessa - em si consiste numa, transladação residencial por ano em cada casa de morador da Vila Dois Rios, peregrinar diante do oratório e, préstito no dia 12 de outubro, todos os anos, para sempre isso deve ocorrer por conta da promessa que foi prometida a Nossa Senhora Aparecida.

A procissão - repito, este ano foi bastante numerosa, desde às 8h a Capela da Nossa Senhora dos Homens já estava aberta, enquanto que a Imagem de Nossa Senhora Aparecida estava sendo visitada por todos os mais devotos. Nesse meio-tempo a Irmandade da Igreja da Vila iniciou a leitura do Boletim Litúrgico, já

bebendo, ouvindo muita música e dançam. Os festejos de Nossa Senhora duram dois dias, com progamação religiosa e as chamadas dançante, uma espécie de festa profana para o dia santo.

O cenário eclesiástico e a Comemoração do Dia da Padroeira do Brasil - aqui na Vila Dois Rios não há muita distinção entre o evento da promessa dos pescadores e a Comemoração da Padroeira que, a partir do ano de chegada da imagem se faz no mesmo ato com ligeira hesitação dos fatos. Com isso, o Nicho com a Imagem passou a fazer parte do cenário eclesiástico do lugar que, conta com a Capela de Nossa Senhora dos Homens, a Gruta ao lado toda forrada de pedras miúdas catadas na costeira da baía de Dois Rios - construída em 1935 e inaugurada em 1938 e reformada pela última vez no ano de 2000 pelo pedreiro de alvenaria BARTOLOMEU, um dos escultores que compõe a equipe do Mestre Beny contratada pela UERJ para restaurar a Vila Dois Rios nos moldes originais. Ele simplesmente redesenhou o modelo artístico do início do século XX. O cruzeiro - é um outro monumento deste cenário, cujo, fica situado no alto do morro, este no momento encontra-se em desuso por motivo da decadência do final do século vinte, mas

acreditamos que a qualquer momento será lembrado pela sua grande importância e, valia no passado, principalmente para cumprir promessas que, são prometidas com acentuado grau de sacrifício físico. Dado ao esforço que se faz para vencer a subida, até ao pé da cruz. A noite observava-se ao longe as suas quarenta lâmpadas miúdas acesas lá no alto.



Um outro monumento incorporado no cenário eclesiástico da Vila Dois Rios é o Oratório construído na rocha natural situada na margem direita da subida da estrada, muito embora ela esteja fora da vila, lá perto do Abraão. Atualmente o local reserva uma grande curiosidade, beleza e respeito para todos os moradores da região que, já consideram aquele local um espaço obrigatório aos templos da Vila Dois Rios e Abraão.

A decisão do local: O senhor Adalberto, residente nesta Vila Dois Rios desde os anos 1960, foi nas vésperas das comemorações deste ano o meu interlocutor pela primeira vez desta história da santinha que se encontra encimada na porta do antigo presídio. Narra com êmero a escolha do local, muito bem aceita a qualquer tempo por todos que visitam o local de tanta resignação no passado, tive essa impressão do movimento de hoje, Dia da Padroeira do Brasil.

Atualmente é uma espécie de santuário visitado por turistas do mundo inteiro, que as vezes vêm louco por informação, e vê-lá, ali a sua frente depositada sobre o pedestral de pedra talhada, o que sabemos ter sido no início do século XX para o Busto do Penitenciarista Cândido Mendes que deu o nome a grande prisão, retirado do local depois da desativação e demolição das instalações penais.

Para melhor preparar a cavidade para a Santa Imagem que já estava na época percorrendo em romaria as residências do Vilarajo com a sua missão de permanecer, o próprio senhor Adalberto procurou entre os escombros do presídio, uma pedra de superfície ampla, encontrou no local um pedaço de "mármore" do antigo almoxarifado, quebrado do velho "mesão", o mesão que os presos do Estabelecimento Prisional cortavam matinalmente as "etapas" do dia", ali sobre os pesados tafardos de carne seca eram normalmente separados junto ao trazeiro bovino de carne fresca, aves aos montes sobre aquela grande pedra do tipo mesa colonial, o que tornou conhecido como o "PEDRÃO" - e foi sobre um pedaço desse pedrão que a santa veio parar. Sempre, obrigatoriamente, as cinco horas da manhã o "Pedrão já estava pronto", para ser

transportada toda a sua mercadoria para a cozinha que ficava lá longe, pelas turmas de presos chefiadas pelos guardas, entre eles cita-se o senhor Carlos de Carvalho, o almoxarife Ulisses Delgado, Lupércio de Albuquerque e outros, inclusive mais antigos. Juro que um pedacinho dessa pedra de aproximadamente 2,5m² apenas, foi tão útil no final de tudo, ao ponto de ser reaproveitado pelo senhor Adalberto para alojar sobre ela a Imagem Sagrada com toda a sua História e, marca atualmente a história do incidente com esse morador e seus amigos milagrosamente salvos pela Santa no mar revolto da Vila Dois Rios. Por este motivo acredita-se que houve realmente milagre, e como, o fato ocorreu no dia 12 de outubro, dia esse de Nossa Senhora Aparecida, dedica-a, todos os anos um agradecimento nesta dimensão nesta Vila e ao mesmo tempo se faz homenagem a Padroeira do Brasil, o que trás na lembrança os dois fatos: o verdadeiro milagre, acredito eu que esteja em primeiro lugar e, depois o "Dia 12", cujo, é o dia da Santa.

Outro fator que traz coincidência para os devotos, e a presença de uma outra imagem de Nossa Senhora que havia no interior da cadeia e foi retirada e levada para o Rio de Janeiro com os presos no dia da desativação. Até parece que há qualquer ligação da Imagem no local.

Sexta-
Foi co
- alec
ri-

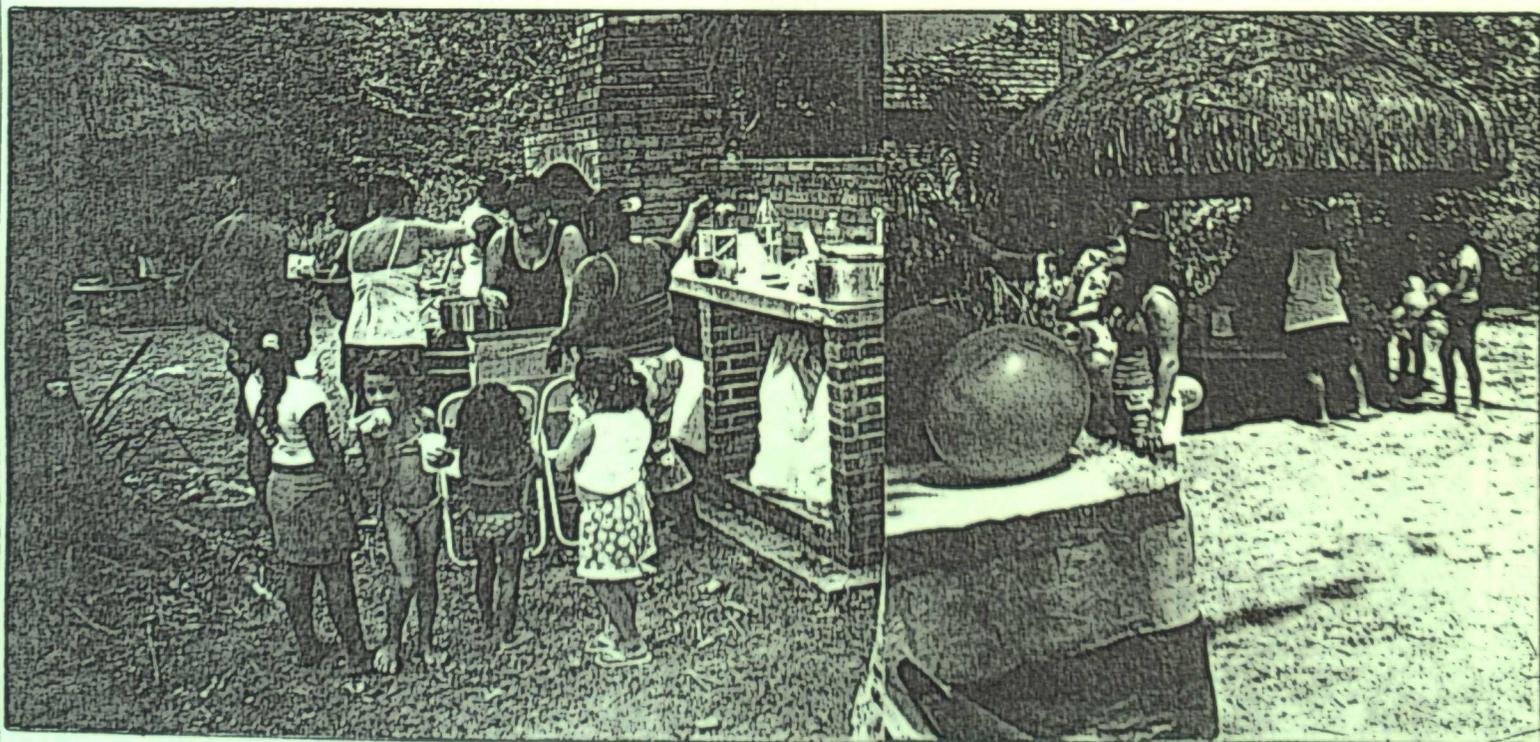
idade época
mane
cu-

O DIA DA CRIANÇA EM DOIS RIOS

Foi comemorado com muita festa por toda a Vila, desde o amanhecer o clima era - alegria espalhada em diversas reuniões de divertimento que, contava com uma infinidade de gulodices. O dia estava com o crepúsculo muito colorido no céu da Vila Dois Rios e muito calor o que, contribuiu em muito com a vinda de muitos visitantes, parentes e amigos de moradores. O ambiente formado pelo movimento festivo foi tão convidativo que, atraiu até mesmo alguns iates colocando os escalés lotados de turistas na praia formando um ambiente bastante descontraído para a criança mostrar a sua alegria, como se estivessem num parque da Côrte Real. Neste dia 12 de outubro de 2002 comemorou-se também, aqui outros entes como foi o caso da Padroeira do Brasil, no Clube da Perua que serviu um sarapatel no almoço, e muita bebida depois da Procissão, mais tarde o dia ficou por conta do "II FESTIVAL DA CRIANÇA" e, a noite parece-me que um aniversário tomou conta da Vila, na casa da dona Mary do senhor Rocha, com muita gente por lá para o Alodyr que completou seu vigésimo natalício.



Distribuição de presentes



Cachorro quente o dia todo

Quiosque

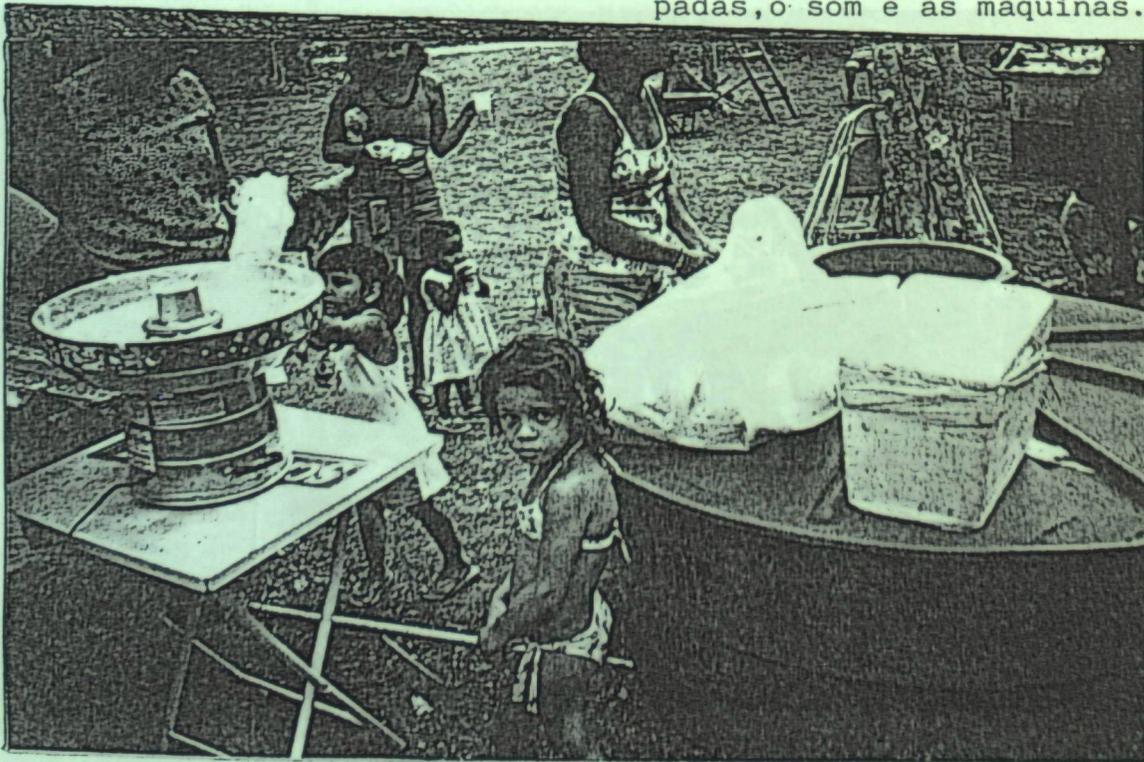
II FESTIVAL DA CRIANÇA

Quando esperava que fosse no velho Clube Nestor Veríssimo, atual Centro de Convivência da UERJ. O boato surgiu, tomou conta da Vila e tornou-se uma realidade a Festa da Criança: no setor dos "Quiosque". Deu certo, foi aprovado por todos, até mesmo por parte daqueles que procuravam um pezinho para falar mau. Pelo contrário a festa esbanjou popularidade, organização, fartura e aceitação do local.



Corrida de saco

Talvez, nunca se viu uma festinha infantil tão diversificada com suas diversas barracas de quitutes. Entre a variedade que surgiu havia algumas novidades como a pizza fresquinha feita na hora no micro-ondas, o algodão-doce fabricado o dia todo, foi a atração que roubou atenção, a máquina parecia até brinquedo de criança, era até gostoso ver as quituteiras fazendo algodão, enquanto outras preparavam outras coisas: como a mesa de doce, cachorro-quente, partir torta e etc. Tinha também, uma oficina improvisada para encher bola a gosto pela criança, como se fosse um serviçinho que elas gostam de fazer, muito curiosas adoravam aquilo. O Barrinho não se cansava de subir na escada de eletricista para instalar as lâmpadas, o som e as máquinas. Foi uma festa onde



todos puderam participar, sentar, olhar o movimento saboreando um petisco típico do dia, ouvir música infantil, brincar de igual para igual com as crianças. Sorrir com olhar, com a boca e com a mente pueril. Foi realmente uma festa alegre "sem larga-me-deixa". A criança corria para o rio ali perto, nadava; subia em árvore, sem perigo conforme elas gostam de fazer, sem reprovação. Isto dava liberdade a criança de se afirmar, por

mbro de
de Con
idade,
dos,
n-

que o local foi preparado para elas com muito amor e carinho no mundo delas mesmas. Isto dava para notar na poesia que subia no ar, no cenário sobressaindo, rasgando o céu, dissipando na copa das árvores sobre nossas cabeças. Sei lá, tudo isso ali estava no Dia da Criança, brincando com a gente no Parque dos Quiosques.

O bolo era enorme, nunca se viu tão grande, tomava conta de uma mesa de uns dez palcos. A cor amarela sobressaindo do azul fundo, parecia que representava o mar, céu imaginário de criança. Aquarela das flores isoladas da mata da Vila. Depois vinha o branco do retângulo do fundo do cenário com bolas suspensas e doces em variedade aos olhos infantis. Corria criança seguida por outras, sem direção de norte a sul da amplidão, repleta de alegria.



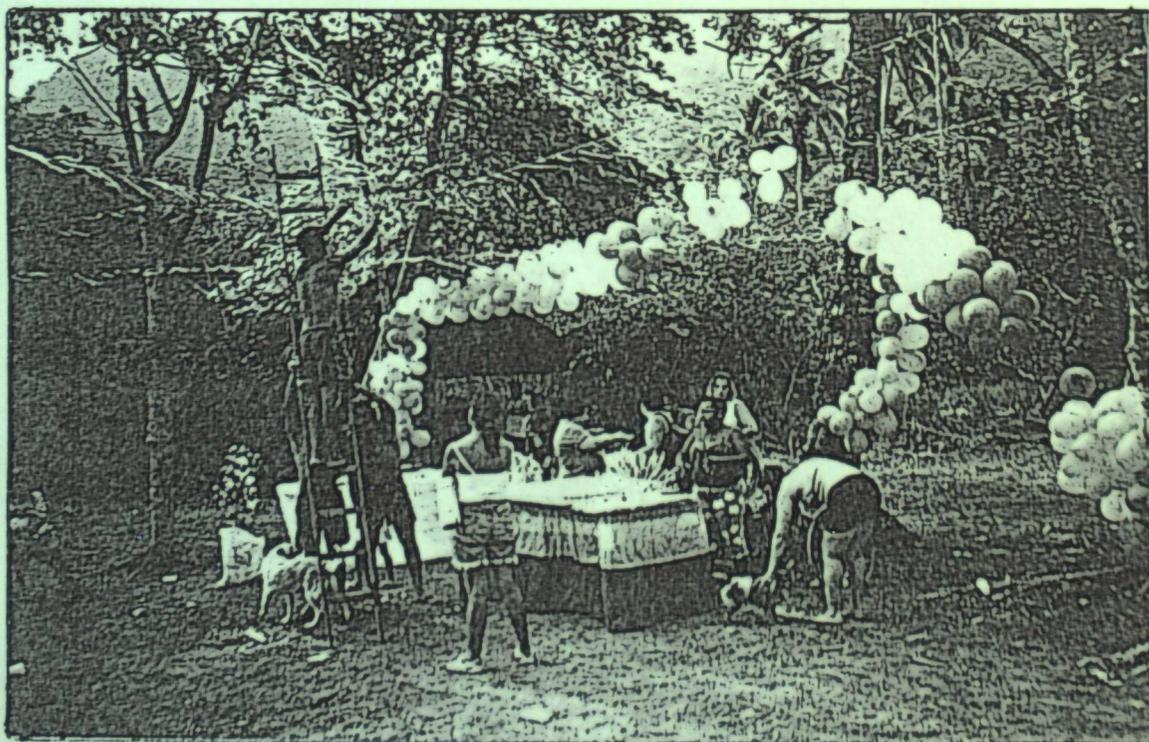
A caixa d'água de mil litros que, naquele dia não tinha água, estava cheia de refrigerante gelado, saía de lá como se estivesse debaixo da neve guardado por muito tempo, especialmente para aquelas horas.

Não sei a competência de cada uma daquelas senhoras, mas o que se viu foi o conjunto formado por elas como um todo. A dona Tereza do Jorge, Márcia do Adalberto, Edna, a nora da dona Noémia, a Mácia do Heleno, a Marilda e, tantas outras que nada menos do que um alto exemplo à posteridade desta Comunidade, que com certeza mais uma história terá para contar aos seus contemporâneos.

Quem viu tornou-se testemunho de que hoje, se você não estiver investido nesta causa é pena. Isto por que o futuro não vai esperar e, as crianças quando chegar lá nada terão para contar ao seu respeito.

O Jorge "Buiú" foi uma figura sempre por ali, orgulhava-se de sua participação no apoio, ajudava distribuir refrigerante, carregar mesa e outros serviços. Dizia:

- Quer um copo gente, bebe aí, come, pode pegar comer, não fica com vergonha não, isso dá e, sobra muito.



Em seguida abria um largo sorriso dele mesmo e, levava ou trazia utilitários.

T R A D I Ç Ã O

Evento já tradicional na Vila Dois Rios. A exposição de Mesas do Dia da Criança chega a sua 2ª ou 3ª vez, não digo, mas há sua dezenas de reorganização. E cada

ano vem evocando o espírito da festa de outubro do antigamente. Tudo leva a crer que até aos anos seguintes os quiosques entre a barra e casa de pesca vão abrigar criações que têm como objetivo a Comunidade infantil ou não. Festa, organizadores e participantes servem de inspiração para as elaborações criativas. Os organizadores e participantes, pelo menos alguns deles participam do evento há quinze ou mais anos. Desta vez criaram uma mesa que, lembra muito uma mesa de natal, tendo como base a criança que foi privilegiada de alto a baixo, no comum apostando no doce e salgado e, mais alguns elementos naturais como a oferta antiga da maçã-doce e arrumações típicas com bolas e corridas:

- Fizem uma mesa marcante, um pouco da primeira festa da era atual, evocando neste campo seu fausto e decadência, já que ela acabou a causa como desmobilizadora - explica alguns membros da comunidade, que conseguiram da UERJ as instalações utilizadas na festa.

Entre as instalações que serviram como inspiração para a decoração do recinto estão as choupanas e a churrasqueira inamovível de tijolinhos refatários, que deu origem a uma criação permeada de elementos lúdicos, toda doce e salgada, resultando numa mesa sofisticada com preferência entre: bolo, cachorro-quente e outros prazeres de diversas do país, além de produtos típicos como a pipoca.

- A "corrida de saco e dança da cadeira" abre um campo muito vasto para a imaginação. Nesta disputa existem competição muito interessantes. Avaliamos o quadro de hoje e comparamos com outras brincadeiras ricas já experimentadas e que não se encontra aqui logo, cita o pula-pula trazido no ano passado pelo PARASAR, sem falar na cobra-cega, corda de força e corrida do ovo na colher.



A Escola Estadual Padre Jílio MariaA Escola do Nosso BairroSOLTANDO O PATO

Um dia aconteceu na Escola um "bizu", palavra que no linguajar dos presos, que antigamente lotava a prisão situada nesta Vila Dois Rios quer dizer um boato. De que o pato dormiu na Escola e no outro dia bem cedo o zelador deveria entregar à nova dona dele, sob pena de perder a cabeça. E assim foi muito bem guardado, sei lá aonde, sete horas da manhã quando o escolta do presídio, o Roy Roy, moreno, bem carioca, chegou à praia da Vila Dois Rios bem defronte a casa de pesca. Sorte sua, pois nem sempre se pegava um flagrante desta natureza, pois deixa ser que o carcereiro apareceu como se acabasse de materializar-se; era homem de fiscalizar os minutos a todo o transe.

Manhã de vento, mais para frio e nebulosa, anunciando pouco serviço. Com uma vareta o guarda do presídio começou a desenhar na areia um elefante, no qual já tinha jogado na banca do interno Russo ao passar no café-da-manhã na cadeia agora. Só faltava o rabo do bicho quando uma vaga daquelas de mar ruim, veio e devorou o proboscídeo africano. Roy-Roy passou a criar o coração de Jesus envolto em riscos de labaredas de amor; e ficou só; ali na praia.

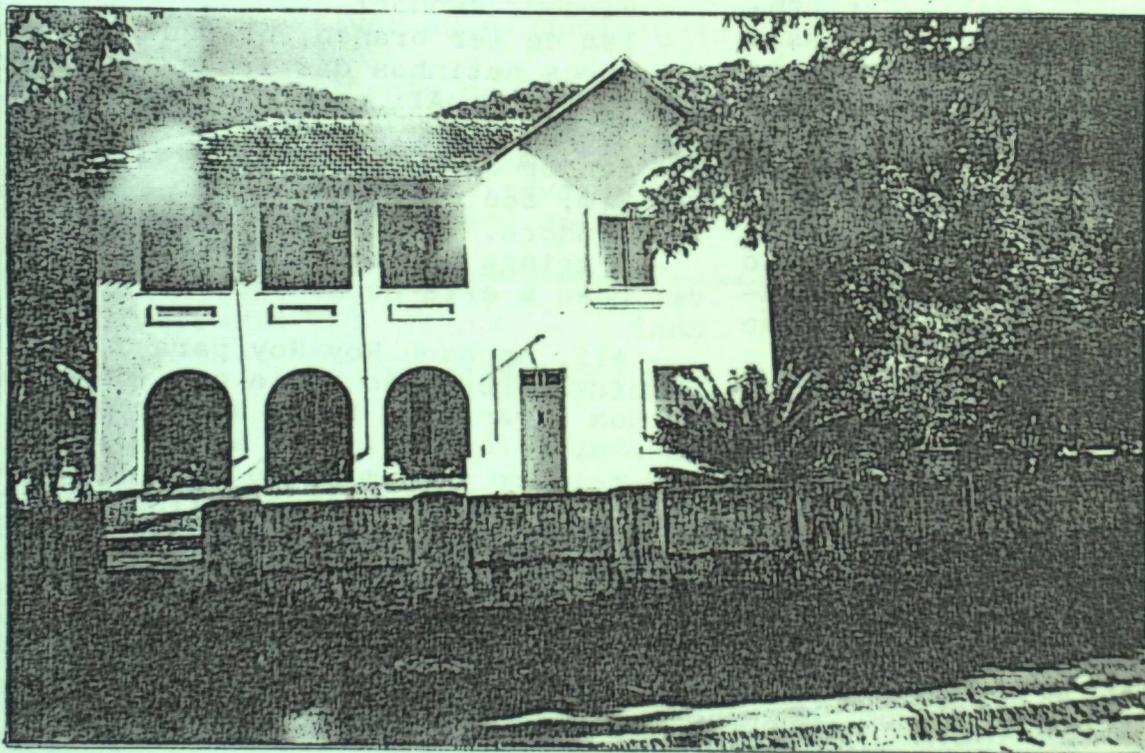
Maria Emília, quem sabe tinha comprado-o, - deixou rolar. A golpes de pescoço e das patas membranosas, pato se rebelava, grasnando, como um ganso do Parque do Capitólio Imperial da Quinta da Boa Vista. Ele até se lembrou da folhinha de casa, onde tinha uma estampa linda - de uma moça e o Cisne ledos no jardim indonésio - e Roy Roy olhou lá da praia à Escola e se riu do prazer engraçado que estava egistindo nas analogias da realidade com a arte que acabava de deparar.

O escolta assumiu um auxente perfil profissional e ficou por ali paquerando. A senhora passou por ele: - o olhos azuis, naquele momento avermelhados pelo, lágrimas derramadas no vaso em cima do pato, pato berrando, estampidos amiudado, carro zoando, mar bramindo - um desconcerto insano. Apesar dos pesares, a mulher o cumprimentou com polidez - disse lhe: "Bom dia, senhor." Teve fala de gente estrangeira; previu Roy Roy.

Ela entrou na água, molhando as sapatilhas de pano caminhou-se, salpicando as pernas da calça, inclinou-se e assentou cuidadosamente o pato sobre o mar, como se fosse um pato de dar corda e depois puxar a cara para o lado que quisesse.

Depois de tentar manter a cara do pato virada para o lado do Tubias, largou o bicho nadar e levou às orelhas, as mãos com incrível pavor, como se o pato fosse explodir, era um gesto mesclado da aflição e de esperança.

Deu-se que o pato avançava um pouquinho, para o mar, virou o leme e nadou



Mas não muito tempo logo, erguendo pois, a cabeça viu que entrava na praia uma linda senhora vindo da Escola Padre Jílio Maria, peruca loura vestida com simplicidade numa calça justa esportiva. Até aí tudo normal. mas acontecia que a bonita senhora chorava e as lágrimas eram colhidas a cântaro, tocando o bom coração carioca do Roy Roy. Assim mesmo, até aí tudo ainda mais ou menos normal. Mas se dava uma coisa mais grave: - a mulher trazia nos braços, também um pato, um patão preto e gordo. Se bem que Roy Roy reconheceu o pato da irmã

em busca de socorro na praia. Lá estava a Escola Padre Júlio Maria a poucos metros dali a espiar o pato que ela viu crescer no quintal vizinho, agora em verdadeiro perigo de vida, parecia chamá-lo de volta ... lá vai o pato; a senhora ainda tentou sustar-lhe a passagem, estendendo-lhe as duas mãos espalmadas e aflitas, mas ficou batida no lance como um lateral gringo marcando o Garrincha. Mané. Gritou de lá Roy Roy e batizou a ave, em cima da finta. O Mané deu mais umas vogorosas chuteiradas e atingiu a areia, onde começou a correr como um craque. "Quem-quem-quem", na direção da Escola firme e quieta na intimidade de seu zelador, que fingia ariar tudo naquela manhã e não saber de nada. Resoluto o craque Mané deu mais um dribble na pobre criatura e se meteu pela meia-direita indo ao fundo da linha lá entrou no rio atrás da casa da pesca com tudo, deixou esbaldando-se em lágrimas a gentil senhora, esta por sua vez disse umas palavrinhas de poucas letras: "hi, i, meu, deus, me ajude, i agora."

:: O dever de Roy Roy é escoltar criatura condenada que inclinava as pressas para o mato; dessa vez ele inverteu a bola e correu para escoltar o craque que os matos iriam decerto esconder. O Mané subiu desengonçado a margem do outro lado do rio, fincou na carreira, e já ia cruzando o caminho do pomar, quando a volante que passava agarrou mane pelo pescoço num gesto seco e impecável a froixando-lhe a garganete para não morrer enforcado.

Foi tudo tão depressa que Roy Roy ficou estatalado diante da volante e acabou sorrindo para o Pinguelo e mais três, com uma compreensão infinita. Um volante abriu a mochila num relâmpago, deu um beijo no bico do mané e o colocou lá dentro, entre latas e doces. Seguiu o caminho a vasculhar como se não tivesse acontecido, coincidir encontrar um fugitivo quase morto naquela manhã da Vila Dois Rios.

Na praia, como uma estátua de amargura, a mulher ficou chorando e rezando um soneto. Contou a Roy Roy que chorava porque o marido dela tinha fugido naquela madrugada. O carcereiro continuou não entendendo nada.

- Meu marido, senhor, partiu - repetiu a mulher com um sotaque que fazia ainda amis desgraçada.

Roy Roy pensou dupla vez, mas teve a coragem de colocar o problema que o tumultuava.

- Mas, senhora, ainda que mal afligi, que lhe pergunte, e posso saber, era seu marido ... aquele pato preto? - Oh oh oh oh ..., não, senhor, evidente-

mente que não. Negócio seguinte: - mãe -de-santo mandou jogar pato no mar. Ve-

nhu com isso entrar pelo cano, senhor. As explicações vieram entrecortadas de soluções, acabando por formar a seguinte história: num terreiro de macumba um pai-de-santo tinha falado-lhe que o seu marido tinha que fugir, senão, ia ser morto dentro da cadeia e, ao mesmo tempo fosse lançado um pato na praia do Presídio Ilha Grande às 7h, tudo isso de uma sexta-feira; o marido dependia do sucesso do pato. Se o pato nadasse para o mar; o marido atravessaria o mar e voltaria para casa vivo. Se o pato fugisse para a terra, adeus marido. Ela choramingava em língua a lamentar a situação, e a fuga do marido naquela madrugada da Casa de Visita dos Internos (CVI) 1, possivelmente assim: - aai aai, aaaai, aaai, aai ... canage, lá plage, cana aai, aai, ai ... foge oi morri. Senhor.

Entre compadecido e sagaz, Roy Roy bolou um plano:

- Só, senhora, ele nos casos como este acontece não pode ser preto...

- Pardon, senhor? ...

- Tem de ser branco, branquinho! Como os outros patinhos das irmãs de caridade. - Onde... Ali pertinho da Escola tem, vários.

- Senhor compreende?

- Sim, sou meio chegado a pai-de-santo, senhora.

- A gringa desligou o choro: elas vendem pato a esta hora? Onde fica irmazinha?

- Ali, apontou Roy Roy para o lado da Escola Padre Júlio Maria no comecinho da Rua Paraná. Lá foi a mulher bater na Escola.

O zelador era um prêso que trabalhava fora, estava fazendo faxina e as merendas na cozinha para as crianças. Quando a mulher bate o pé na calçadinha, o preso larga tudo e, saiu voado pela janela dos fundos; já atemorizado, com o furto do pato preto na tarde anterior, pensou logo que, fosse a Volante para recolher-o e levar para o castigo na surda

Pouco tempo depois ela voltava com um pato branco e, soberbo como o cisne da estampa. Sem que as irmãs dessem por falta do patolo, o "pretão."

Repetiu-se a cerimônia de lançamento de pato ao mar. Para alvoroso de ambos, o pato nadou ledado, assustado pelo cativo que vivia, para fora e por lá ficou em evoluções mansas, depois da quebradeira das ondas. A mulher emocionada, segurou as duas mãos de Roy Roy, deu-lhe um beijo na testa; correu pela praia, entrou no caminho dos prêsos e arrancou em disparada; foi embarcar no ônibus que

Sexta-feira,
já esperava
dos Internos
rar m

já esperava na porta da Casa de Visita dos Internos(CVI) 1. E começar a esperar marido em casa.

Roy-Roy, providenciou a turma da pesca que, ia saindo para o cerco e, acertou o resgate do pato;aguardou um pouco;deu uma volta e, avistou o pato lá na pedra da Ilhota do Meio.

Rindo-se de puro gosto,os prêsos da casa de pesca trouxeram escoltados pela vista apurada de Roy-Roy o pato para a praia.O guarda enfiou o indicador na boca e emitiu com modulações um assovio agudo que deve ter sido captado até no Mar virado.

Como por encanto um lindo casalsinho de criança de sete a nove anos brotou da esquina ao lado da Escola, vieram em toda velocidade,inimaginável,à descida de areia,onde estavam as canoas,todas e frearam a um passo do pai,com o fôlego em forma,ofegantes de ansiedade:

- "Filhocas, meus bens - levem este pato branco para casa e mandam a sua mãe caprichar no molho pardo,dizem que eu mandei.E, voltam aqui para trazer uma caneca com meu café.Na volta levam uma nota para merendar na escola;às oito horas vocês vão,se tiver aula.Depois desse bizu, todo!

Houve aula,normalmente,na Escola naquela sexta-feira, as irmãs tiveram um pato roubado e o outro,elas mesmas venderam sem perceber que, faltava um no terreiro.O Patão Velho,prêto de estimação.

O zelador da Escola foi para o castigo, levado pelos guardas e, com isso se louvou da morte nas mãos do Comando que formava o "CRI"(Clube Recreativo dos Internos).

Naquele mesmo dia para fazer média aos chefes:o interno robô vulgo Bibico, também,fez-se recolher ao castigo,apresentando-se como autor do roubo do pato lão prêto:disse ter sido por encomenda de um parceiro,membro do Comando Vermelho;com pena,diz ele de que se alguma coisa desse errada, morreria na segunda galeria do prédio.

A sua versão foi que,entregou depois de roubá-lo ao zelador da escola que,já estava com a obrigação de repassar a referida senhora no dia seguinte.

O prêso RONAN que se encontrava na visita com a mulher,fugiu naquela mesma madrugada e, atravessou no final de semana, ao ludibriar a Volante nos caminhos conforme a ave fez. Em detrimento ao "bizu do pato"na Escola da Vila Dois Rios. E foi viver com a mulher lá pelo Rio de Janeiro,onde constituiu família, ora mais tarde recapturado ou nunca mais para a Ilha Grande...

E,o zelador foi afastado para sempre da Escola Padre Júlio Maria e,o Guarda que era conhecido como Roy-Roy, pouco depois foi embora para a Cidade do Rio de Janeiro,onde foi algum tempo depois assassinado.Conta a história quando se lembra dele. Uma ótima pessoa.Orgulhoso profissional do cárcere.

Tema: Transporte

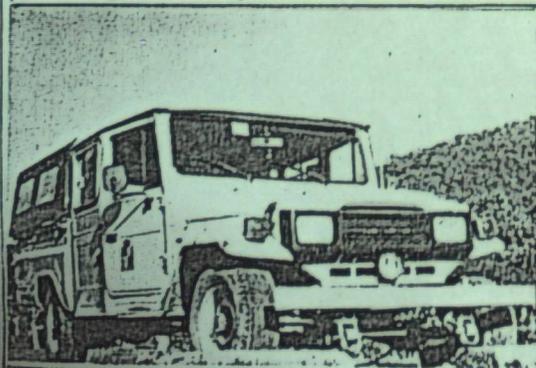
ESPERAMOS O CARRO OU COMPRAMOS O BURRO?

Quando vinha p'ra Vila Dois Rios. 08/11/2002.

O ônibus micro diesel enguiçou de ar no Abraão, e,a prova decisiva é que tem na reserva sobra de sua vítima.

O diesel do ônibus não pode entrar ar que se contenta, porém, com o matar de raiva o inofensivo ar e óleo: maltrata e coloca a pé o passageiro, inofensivo também,com uma sem-cerimônia indicativa de que,para o ar, óleo e gente é tudo a mesma coisa.A quela noite de ontem: um passageiro apreensivo chamado Osias sal

vou ao condutor que o micro-ônibus ia entrar no rool dos empacados.O condutor pegou da pedra... para a imobilidade do veículo? Não: para quebrar a cabeça do reclamante,que,colocou-a debaixo da roda movendo desgovernada na subida íngreme da estrada já na curva do jacati-rão; depois-a na carroceria,e trouxe to da vida;serviu de calço,novamente,quando enguiçou no oratório, defronte da gruta da santinha, que lá no fundo es-



tava espiando tudo. Mais tarde serviu de novo no estoirar da corda, esticada na curva pesada tida como morte. Onde embarcou no réu que ia á comboio, as suas vítimas e sobretudo, sobreviventes que surge de supetão no alto.



Tema: Vida do lugar

GENTE QUE FAZO Clube da Perua

Um lugar que foi criado pelas pessoas mais antigas da Vila Dois Rios para ser um simples ponto de encontro, é hoje um pequeno órgão administrado pelos amigos incansáveis: Antônio José Raimundo, José Ribamar e o Maurício, que vêm transformando o lugar num centro de lazer muito útil para a íncola que já não sente mais a ausência do nosso Clube Nestor Veríssimo e tão pouco reclama a ausência da Associação, que passam batidos. E tem eles prosperados muito n'os últimos tempos com o bom humor, com os aniversários e com as datas comemorativas, conforme foi no "Dia dos Pais." Repetiu-se a receita do ano passado, porém, com muito mais tempero; foi muito mais tranquilo no gerenciamento da festa, e abrangente, com um espírito realmente comunitário.

Eu não estive na comemoração do aniversário do senhor Ribamar no dia seis de julho do corrente ano de 2002, mas deu p'ra ver que foi uma grande festa, não só pelo aniversário, porque, isso agente faz todo ano. Mas sim o benefício que esses eventos trazem para a comunidade, beneficiada pelo trabalho desses senhores que não cansam de fazer pelos outros. Numa demonstração sem fim de que as coisas tem valor quando são feitas com gosto e carinho.

clube, quando eu passei por Angra dos Reis ouvi, três ou quatro comentário de pessoas que eu mesmo nem conheço direito, fazendo perguntas entre elas, como se eu fosse um desconhecido ali perto. Deixa ser que eu via tudo, os elogios e desejos deles também participar para conhecer, um lugar inóspito e reservado.

Sem falar do outro lado de que, de uns anos para cá, os espaços daquela rua do Clube da Perua viraram, com perdão do trocadilho, ponto certo para agitos de lazer e até culturais. Shows de sanfona, violão, cantorias, lançamentos de bons pratos, superfestas, há lugar para fotos e um tudo. Sem dúvida, eles três foram os pioneiros na exploração em prol da comunidade dos espaços perdidos na Vila Dois Rios. A idéia teve tanta aprovação que foi o próprio povo da Vila, que aterrizou por lá pela primeira vez em 10 de agosto de 1997. Agora, com a inauguração da nova instalação para o futuro, serão três as normas para as participações: colaboração, beber e dançar, de preferência um forró. Sob o comando do velho amigo Nicássio, o casebre foi reformado e batizado, em 10 de agosto, de Clube da Perua e Lazer da Vila Dois Rios, visto não termos outro neste lugar, somos gratos a eles. Lá rolam eventos como churrasco que, sob o comando do Maurício, reúne diversas famílias das mais finas da sociedade vila doisrioeses e dá ao local o clima familiar que faltava no início.

A Glória do Passado Dessa Gente

També, faz parte deste clima de festa constante, até podia, são gente que não se prendem a divisa do lugar - Abraão - Vila Dois Rios.

Lajes do Marvirado, Taboa, Paredão, Parnaíoca, Maciço do Sítio Forte, Cachoeira da Longa... nomes e locais



O aniversário do Nico, o aniversário desconhecidos da maioria dos moradores. Exceto

o de 2002
dos

de um deles, participantes testemunhais que puderam conferir ao vivo todos esses locais e atrações da Ilha. O caminho da regularidade - vencido pelo nativo Cabo Antônio José Raimundo derreando com uma experiêbcia de vida - completou na ativa naquele tempo 30 anos de trilhas e aventuras, sempre cruzando o Sítio Forte e Parnaioça. Além da competição em si, do forró e cerveja, conhece muito bem as muitas belezas da região, incentivaram centenas de pessoas, jovens e adultos a participar das belas tradição - uma das maiores heranças da Vila em número de sabedoria regional.

Este, o seu maior feito foi:

- Durante a largada a frente da volante em todos os seus 30 anos de fardã pela a Vila Dois Rios, antiga Colônia Penal. Os volantes seguiam-o, então, para Sítio Forte - terra natal do falecido do Nestor. Lá estava a marca dos pontos de encontro comunitário, na mesa da praça onde ficava a venda do senhor Jesô, uma das atrações de Antônio José Raymundo.

Se outrora outro local servil de roteiro, das suas aventuras de trilha, foi Matariz, lugar famoso pelos climas festivos de que eram cerebidos, Cabo Antônio e os batedores das trilhas, lá estava quase sempre o Manoelzinho da venda. Quando conheci-lo era quase todo um povoado, lia nele a chave da própria revelação da tradição regional.

O percuso do primeiro dia, de uma caminhada foi de uns 50km, cruzamos o morro do Sítio Forte, serra que separa o litoral do agreste sul-leste-oeste da Ilha. Região muito fértil onde plantava-se de tudo até mesmo uva e tangerina. No perigo da caminhada ao Leste, os andarilhos enfrentavam muita lama e pirambeiras, como a do sertão do Aventureiro, próximo ao sítio do Plínio.

O sítio na serra íngreme, na região de Matariz, pertencia a Tiago Faria, 56 anos que assistia surpreso a todas aquelas gentes e presos quando vinha aprisionados passarem disparada. Até parecia que nunca tinha visto aquilo não. Parecia ser a primeira vez que o velho Nico e seus volantes passavam por ali declarou uma vez agricultor, nas cidades criado no

Uma vez a na passava pela Igreja Sant'Ana reguesia de Sant'ana era sem citada por de outros em de bonção e m que estava-se

ador e la ia o Cabo Nicássio, o Ezequiel não muitos, dois ou três no máximo, infiltrava na multidão para espionar a presença de possíveis fugitivos.

Antes de chegar ao Iguaçu, localidade que por ocasião marcava o final do primeiro dia; guardas e policiais das categorias de terra ainda enfrentaram um teste de velocidade nas pernas (apé) de mais ou menos 23km. Esqueceram as medidas de velocidade da caminhada de regularidade e esticaram as canelas até Dois Rios.

Mais Serras

Outro dia começando, mais trilhas fechadas e serras: os volantes tinham pela frente novas montanhas. Dessa vez a bela Serra de Palmas, que divide o Abraão e Lopes Mendes. Foram 60km circunlando até a pedra da asa delta no topo da serra vindo pelo espigão, ainda não avistava a Vila Dois Rios.

Os volantes que esperavam uma paisagem bastante árida de sertão tiveram uma surpresa. A região continuava verde e cheia de lama, como na etapa anterior

Logo nos primeiros trechos saindo de Abraão a batida margeou a antiga trilha acima e abaixo à costeira. Hoje não sei como está. A próxima vasculhação era a mata do britador as margens da queda d'água de quase 1000 metros partindo da estrada, na cachoeira do mesmo nome.

O cenário, que cercava o trabalho até faltar a noite, mantinha-se verde e o relevo, acidentado como nunca visto. Na baixada, além das casas de colonos e da olaria, os outros companheiros da categoria volante do Cabo Antônio, a principal entre as patrulhas, tinham de passar pela subida das caixas d'água. Ladeira íngreme, feita de pedras do tempo ainda da escravidão, que mais parece uma prova de trial. Muitos pararam para descansar, e teve até quem continuou para, para beber uma cerveja um pouco mais cedo a noite esbirutando os colonos livres locais.

A via que esperava a chegada no quinto dia de fuga, era o Leste, guarda via surpresa para quem chegasse mais cedo um Parque Aquático formado por suas águas. para se conhecer a beleza e as águas da única festinga que dava para um volante A de Dois Rios com seus 7) homens ferientes, porque a de não vinha a dez (10), pega-se um banho desce a serra. O local é patológico, os policiais e guardas pagam pela região, na recap-

na rotina de vida, o Cabo Antônio, muitas vezes o Nicássio, um homem detes por muitas pessoas, mas ao mesmo tempo querido por todos, que o conhecia de perto. Estava quase sempre onde tinha prês, trabalhando ou foragido. Um teleférico, parecia que era quando en-

enfrentava trilhas abertas e estradas de terra. Lembro-me do dia rumo à Ponta da Ilha dos Macacos, quase sempre esses trechos eram relativamente curtos: apenas 10 ou 15 duros quilômetros.

A atração natural, já no Miradeiro, eram cachoeiras e lavouras do litoral, um dos menores do nordeste da Ilha Grande, com apenas 6km de extensão, onde o Nico com sua volante tirava de letra. Outro trechinbo de 7km foi caminhado nas curvas da Enseada das Estrelas na região do Portinho praia de Fora, um cenário maravilhoso. O pernoite foi na Enseada, onde volantes e diligências puderam descansar dividindo o tempo e revezando a

noite. Coisa que o Cabo Nico não gostava e nem se permitia a esses descalabros: "cada um p'ra si e Deus p'ra todos. Volante é volante e, diligência é diligência. Vamos descansar p'ra amanhã bem cedo sair." Dizia. - A pedra quase virou mar. Provérbio de praia.

A última etapa daquela volante - entre a Enseada e Chapariz, ambas são vizinhas de porta de cozinha - confirma o velho ditado de menino morador ao ver as chuvas de verão e resaca, vinham "castigando" a região com um vento e enchendo as costeiras e passagens trépidas. Naquele dia ficamos ilhados na restinga sem poder voltar.

Imaginando a Vida

Dentro do carro, na Estrada da Vila Dois Rios - Abraão. Mata e mar por todos os lados. Muitas vezes viajei em pé. Hoje, não, todo mundo sentado. E eu retido nos meus próprios pensamentos. Imaginando a vida. Uma estrada não tão colorida. Pintada pelo medo da vida do lugar. Sensações diversas. Um pouco de tudo. Alegria, indiferença, tristeza. Truques da natureza. Eis que o sol forte deu lugar à chuva fina. Ao longe: frio neblina e montanhas se misturando. E os meus olhos se misturando diante de rara beleza. Capaz de sucubir qualquer tristeza.

Inclusive a minha, suficientemente grande. E o carro corria lento demais. Não deixava a Vila para trás. Parecia não querer ir. A Praia de Dois Rios também. Tudo isso sem menor pressa. Condizendo a minha realidade. Eu estava em anestesia geral. Inatingível, dormente como uma pessoa que nada sente. Eu nada sentia. Apenas ouvia. Algumas vozes, murmúrios, conversas de alunos da Brigadeiro Nóbrega. Dentro da pick-up da UERJ eu estava imaginando a vida. Tão bela, aqui na Vila Dois Rios. Imaginando a vida...

A Procura de Uma Lei

Transita no Gabinete Executivo o Projeto do Museu a procura de uma Lei, - a que lhe dê viabilidade de implantação, que não altera, nenhum Artigo do Código da Preservação do Meio Ambiente para garantir foro especial a quem exercer função "de especial relevância à Secretaria de Turismo" e for processado após o início do mandato ou do exercício funcional, entre essas pessoas o "diretor do Órgão, administrador e secretário (ou) outra autoridade." O projeto se fundamenta em voto do empresariado privado - (que não quer saber de nada quer mais é investir num campo promissor), isto por que a proposta é muito boa, e linda, e uma das mais completas o tal de "Eco-Museu Ilha Grande". Parabéns dona Myrian. O Projeto globaliza a Ilha Grande a sua gente, especial a V. Dois Rios.



Museu do Cárcere

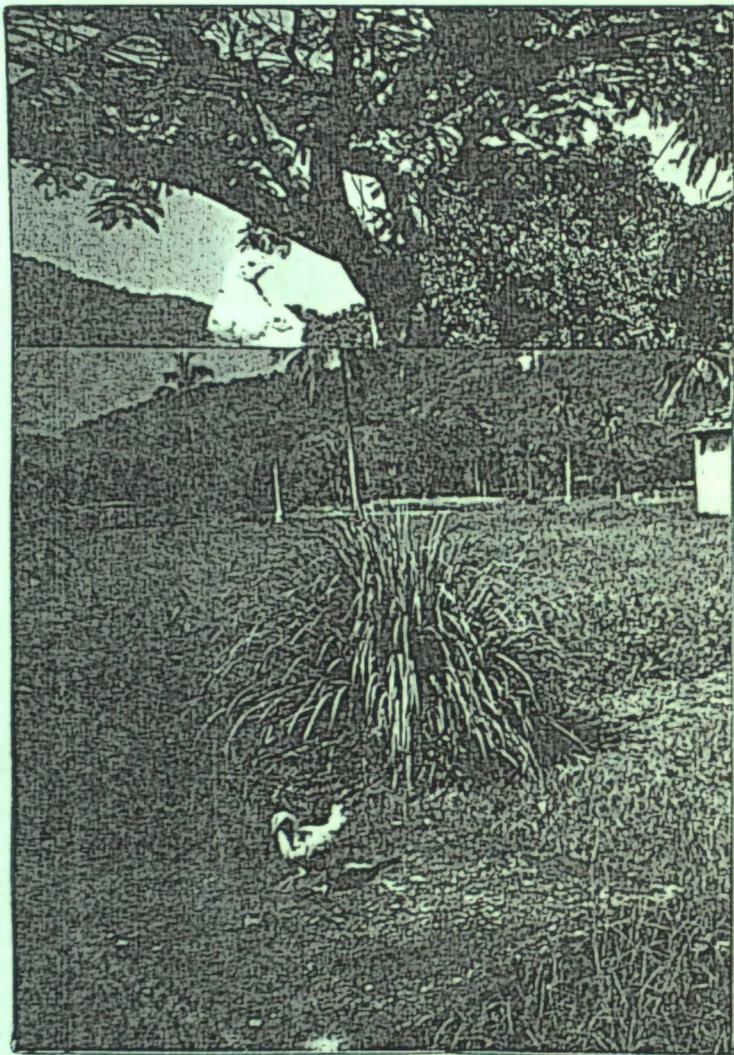


Museu do Meio Ambiente

Tema livre: Pedido do leitor

Uma historinha encomendada em 05/08/2002 pela netinha da dona Tereza - a Thaís Souza de Mello, residente no Rio de Janeiro, 7 anos, a respeito de um pintinho amarelinho que, foi exposto na Feira de Ciências do Colégio onde ela estuda a 1ª série.

"O Lucas"



"O PINTO SABIDO"

A Vila Dois Rios parecia que estava de luto quando eu cheguei do Rio de Janeiro, ninguém ria, a senhora Tereza chorava a um canto da cantina - e esta por sua vez estava cheia de gente assistindo aquela cena inesperada - o Lucas havia fugido e se escondido no mato, desapareceu de uma só vez.

O fato é que todo mundo sabia que era o pintinho mais sabido de todos os pintos. Ou melhor dizendo, ficou importante depois da feira e de uma longa viagem que fez pelo Brasil a fora -, um belo passeio em um tão curto espaço de tempo - ainda mais que ele foi de carro brincando no colo, pulando encima dos bancos, olhando na janela a paisagem como se fosse gente e outra hora andando pelo chão fazendo cócegas nos pés de uma ou outra pessoa que estava espremida com ele.

Acontece que esse dia é o seu primei

ro dia de susto pregado na gente que cuidamos dele para a nossa netinha a Thaís, que não tem onde deixar o pobrezinho. No apartamento a mãe não quer nem ver. E quanto maior mais sabido ele vai ficando, agora quase um franguinho de meia idade, levado a voar de qualquer lugar mais alto de preferência, correr atrás da gente as vezes atoa, parece que só para ficar nos pés se esfregando, quando não, catando um nada em troca de carinho, chega as vezes dormir encima do peito do pé das pessoas.

No início a avezinha era quase um objeto, uma mercadoriazinha que se usa e depois deixa p'ra lá, foi ganhando forma e valor de estimação. No final do primeiro semestre deste ano de 2002, para amenizar o fim das aulas a netinha Thaís, solicitou à vó a compra de um pintinho amarelinho, tinha a finalidade de expor o bichinho na feira de ciência da escola onde estuda. Logo depois que chegamos da rua com o seu pedido pela primeira vez. A menina deu-lhe no chuveiro do banheiro o nome de Lucas.

Ate, então, todo mundo dizia, - que pinto de rua pintado a mão, vendido assim igual brinquedo no meio da calçada, morria atoa, mas dessa vez tinha vindo ao Rio a vó e o avô que entendiam de sobrevivência de pinto. Então, na calçada perto da estação tinha um moço que vendia, fomos lá todo mundo da casa e compramos, o qual ela mesma escolheu.

Instruída pelos avós a menina conseguiu manter dentro do Pintinho a faísca de vida. Já de pequenino mostrou-se esquisito, andejo e chegado aos humanos. Piava com monotonia os segundos todos do tempo, razão pela qual era detestado pela mãe da dona do infeliz. Foi levado de casa para os avós: - ninguém aguentava ele, passou dois dias subindo e descendo as beiradas da caixa onde tinha que ficar morando, piando, piando, quando fugia se metia entre as pernas do avô ou da avó uma alagoana, ou de qualquer outra pessoa que encontrasse pela casa. Seu prestígio cresceu de episódio a episódio.

Era tratado como gente e tinha orgulho disso, assumindo um à vontade e presumido de bípede empenado.

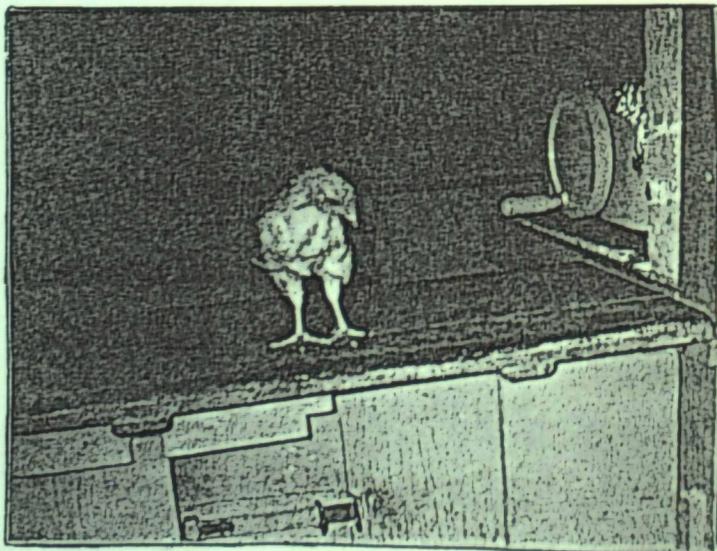
Mas acabou sendo privilegiado. Como a vó tinha atingido a irremovível vontade de viajar, acabou-se cedendo, mas a viagem exigia a extradição de Lucas pa-

para a casa que a bisavó Quitéria estava acostumada receber todos da família (filhos, netos e bisnetos). Dessa vez também o pintinho chamado Lucas - zás - trás, bumba Paulista cidade satélite de Recife Pernambuco.

Tempo depois ao voltar de lá, já era quase um galinho branco e bonitinho, mas ainda extravagante e presunçoso. Indiferente ao terreiro, preferia desfilhar dentro da cantina da vovó Tereza, no salãozinho misturado aos fregueses, na copa e lá fora no meio das cadeiras peitinho estufado lá ia ele, chamando atenção à sua figura irresistível. Olhinhos vermelhinhos como se fosse olhos de sacuracura.

Mais algum tempo virou um galinho de verdade mesmo. Não demorou, então, a revelar indícios de neurose.

Lucas nunca tinha visto na vida outro ser galináceo, acreditava ser o único de sua raça, o superior, o absoluto. Firmando-se nessa crença carismática, deu para agredir os humanos com o biquinho. E como esses se defendessem usando a ponta do dedão do pé, mudou de tática, bicando-lhes à traição os pelos da batata da perna. Só respeitava a própria alagoana, a qual tinha grande afeição, e considerava com gratuidade uma aliada no combate contra o mundo. Seguir a dona não podia, porque esta se separou por força das circunstâncias de criança obediente aos pais. Seguiu a velha alagoana por todos os cantos, não como um cão humilde, mas com a imponência de gerente do estabelecimento acompanhando a patroa.



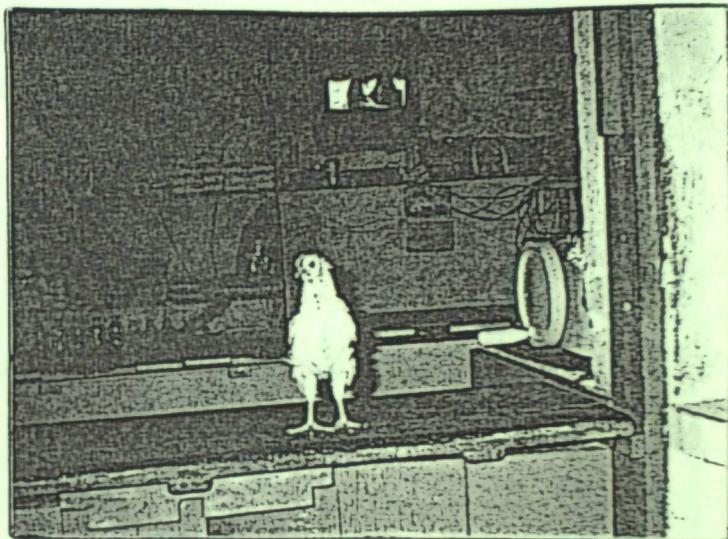
O gente! Como aconteceu com a senhora Tereza, embora, encontrando tempo para vigiar o Lucas, acabou achando graça na birutice dele, deixando o boboquinha andar para lugar longe cheio de mato, que sempre foi infalível ocultador de aves desajustadas.

Já se sabe o mato é um esconderijo, pa rece hortaliças e fruteiras em planalto

da Vila Dois Rios.

Sempre insolente diante da natureza, ainda mais - diante do planalto desse lugar. Lucas fez estragos no mato: comeu sementes, estraçalhou folhas, arrancou raízes ciscando e dando-se ainda à petulância de empoleirar-se num galho de uma rosácea dona de farta sombra num ramal do manguesal. Antes, contudo, o galinho se colocou a prova diante de outras aves, porém, eram selvagens, na esperança geral de que descobrisse um outro mundo, o próximo. Os irmãos galináceos que ele deveria amar como a si mesmo.

Não quis saber de nada: durante meia hora encarou os amigos da mata com estupefação. Deu-lhes as costas e se foi, Lucas único dono de uma pretensão que o



inflava da cristinha sanguínea ao facho da caudinha.

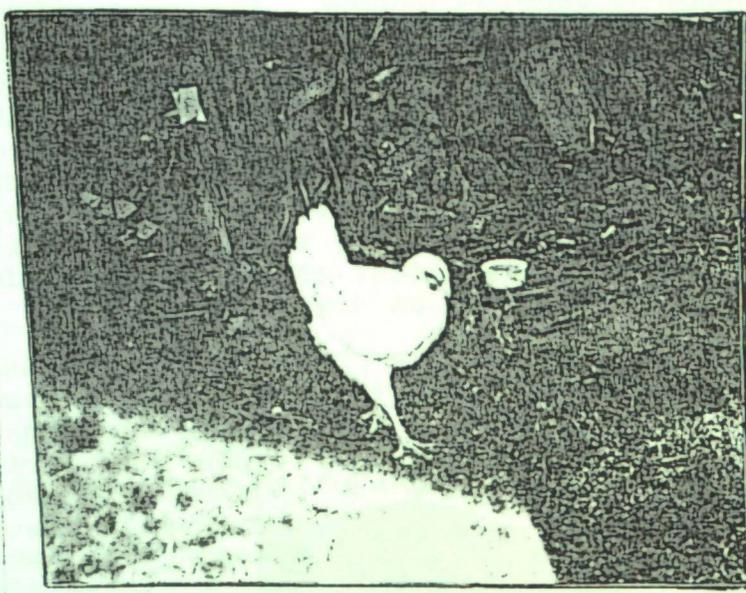
Enfim chegara a hora da prova, quando passaria a viver uma vida normal dentro de uma comunidade. O amor talvez fosse a salvação naquela hora de perigo.

Pois o bestinha, mal ingressou no bosque pensou que estivesse no harém de propriedade de sua dona Thaís, matou logo a bicadas duas sinceras galináceas selvagens. Neste mesmo dia a alagoana patroinha Tereza no fim da tarde descobriu-lhe o paradeiro. E pois fim a história do desaparecimento do pintinho amarelinho: Trouxe-o de volta ao cativeiro dentro da caixa de papelão na cantina e como castigo mandou conduzi-la no dia seguinte ao quintal de sua casa. Onde hoje o galinho vivi a vontade, dono de um quintal inteiro. Já estava pensando em compartilhar o espaço com umas angolanas e umagarnise tupetuda.

Passado muitos dias depois, arrumaram-lhe um amigo chamado Chico. O Lucas enciumado no quintal, fugiu sem ninguém ver, de uma noite para o dia, para a mata, onde por certo passou a viver. Deixando no terreiro o seu amigo que toma conta de tudo, sentindo muita saudade.

o de 2002

Depois de uns certos dias o Lucas voltou ao terreiro, só para avisar que encontrava-se muito bem, vivendo na mata com os seus outros amigos.



Dessa vez ele já era um galináceo e valente, com esse atributo fazia frente a qualquer fera, que se metesse a besta querendo atacá-los.

Hoje ele não é mais o Luca bobinho, é pelo contrário - muito esperto, conhece tudo, todas as trilhas e pedras da mata da Vila Dois Rios. Mora numa misteriosa caverna um verdadeiro castelo. Lá ele formou uma comunidade com muitos bichos: Um pavão do mato é o seu maior amigo e a mais linda ave; tem também, a jacutinga que todo humano quer ir caçar para matá-la sem ela ter feito nada, mas o Lucas não deixa, vivi a escondê-los. E com isso fica quase sempre muito estressado de tanta preocupação, defendendo as aves da floresta.

Foi pesquisando que o Lucas pôde conhecer melhor os dois mundos o mundo dos homens e o mundo das aves: - Só aí que o Lucas foi entender o que nunca entendia muito bem, o porque os pássaros de um modo geral são considerados símbolos de despreocupação, liberdade e alegria de viver. Se ele mesmo não encontrou por lá um passarinho que não seja nervoso, que não viva com um ar de pânico permanente.

Estão sempre com aquele ar de quem está sempre esperando o pior.

É ou não é? Até, então, o Lucas ainda estava para ver um passarinho saboreando o que comia, ou estirado em algum galhinho, barriga para cima, pegando um solzinho. O Lucas e os amigos da natureza estão sempre ocupados; preocupados, e, de passagem para outro lugar. o Lucas e os seus amigos são os bichos mais expressados que existem. Nada lhes compensava essa agitação permanente - nem a capacidade de voar juntos. Que deve lhes trazer outras angustias. Condições meteorológicas, planos de navegação, etc. O Lucas acabou chegando a uma terrível conclusão -, que qualquer passarinho lá do mato trocaria suas asas por uma vida pa chorrenta de leão, ou até de minhoca. Tudo só para poder relaxar um pouco.

O Lucas depois de chegar a esta triste conclusão voltou para casa, onde esta aguardando com os seus amigos, a verdadeira dona dele a Thaís; à fazer lhe uma linda visitinha de final de ano. E vê-lo muito triste ao meio da comunidade no quintal muito alegre, sem saber de nada. Só ele é quem sabe tudo a respeito do mundo das aves. É sabido ou não é? ... Explique-me por quê, ele está triste? ...



REUNIÃO DE SÁBADO
02/11/2002

Eram 9h da noite e, como fazem todos os meses desde o início dos tempos, os rapazes juntaram-se numa roda para tomar sua birita (ou no caso de Eliabe, vinho). As moças passavam para lá e para cá servindo colírio nos olhos e os biruteiros faziam o som ambiente, tocando batucada (Elienai, de vez em quando, acompanhava no violão).

Tudo ia bem e a reunião seguia anima-

da: Sarrafo fazia suas imitações e Gesiel, já um pouco bêbado, imitava o Gilberto Gil. Porém, num dado momento, Mineiro falou para Bartolo (que é um sujeito parecido com Mineiro, só que com bonê):

- A sua cachaça está estragando uma das minhas brincadeiras por estes dias.
- Sua não, que os tocadores de sanfona são meus amigos, interrompeu Zé Paraíba (que é parecido com Mineiro, escuro)...

Reproduzindo o Presídio

Parece Um Protocolo de Visita

A portaria da ex-Penitenciária Cândido Mendes

*Por onde passaram 54 diretores, milhares de funcionários e prisioneiros. Nas paredes deixaram inscrições de nomes e frases que reproduz a lembrança, que foram implodidas com o presídio e soterradas; tais como informações das mais importantes da História do Brasil. Nestas informações estavam o dia-a-dia da prisão, entre os internos que, conviveram com a solidão, o poder, a dor, a tristeza, o anseio, a crença, a alegria e a esperança implícita nas inscrições das paredes, feitas por quem vivia banido do mundo social, integrado ao crime, a facção "organizada": Salas e corredores triste, cheios de friezas e grades; escuridão da vida dum lugar que permanece nos olhos do tempo voltados para os dias atuais.

Mas o que se destaca atualmente é o entrada e saída do turista ao local.

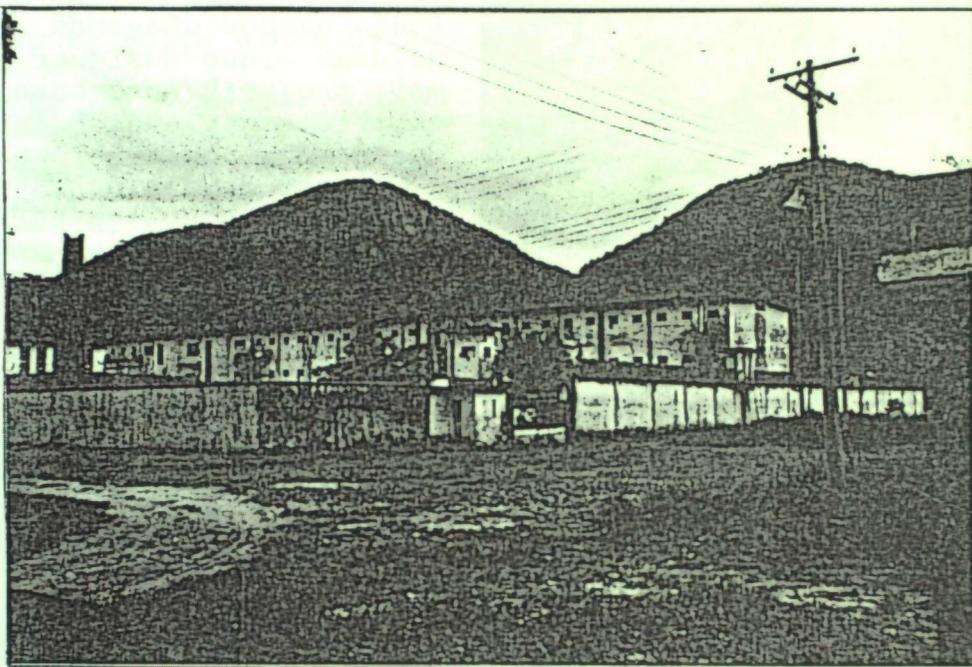
Um local onde eu sempre fui lá, sim a trabalho. Nunca por curiosidade.

Ia entrando pela portaria em direção à subida do escombros, constantemente parando naquele obstáculo. Sei que é a frente da secretaria. Pois

foi ali, na chegada do pátio da administração e da segurança, na imediação da cozinha e a padaria, almoxarifado e o ambulatório que, a direção ditava e, escrevia o nome embaixo da assinatura por quase toda a existência de um século. E é ali também que, nas salas da portaria que restaram, existem umas frases de presságio e solidão dos hóspedes e, hoje, as de visitantes, sempre marcantes.

Reparei nelas pela primeira vez ao observar a portaria da velha prisão toda rabiscada, são prédios que sobraram da implosão, de pé-direito alto e grande com escadas nas laterais da entrada. E, vendo aqueles nomes nas paredes, lembrei que esses nomes só costumam trazer a marca do tempo quando está em conflito. Eles gostam de escrever o nome na parede como coisa que vai eternizar. Achei curioso que aqueles nomes estivessem tão frescos, já que ali passa pouca gente em pouco espaço de tempo.

Pois bem, o tempo passava. E, quando o presídio oficialmente já estava prestes a ir embora, andou botando preso na cela incomum na portaria. Naqueles a-



anos de andamento e preparativos humanos e materiais os prisioneiros também escreveram desalentos, voltei a passar pelo pátio de serviço e lá estava os prédios das salas com suas paredes garatujadas com nomes de prisioneiros agora são de visitantes é claro.

O tempo passou de novo. Em meio as loucu-

ras por aqui depois da desativação que enfrentamos, anos foram embora e deu para fazer uma reflexão incrível, imprópria para a era atual, que apenas começa. Pois eu passei de novo pelo pátio, sempre de manhã, pensando desta vez, aposto que as paredes estará que é só nomes. A testura não pode ter resistido a essa agressão do protocolo de visita antes da hora arranhando a deixar estigma. Mas, quando parei na entrada, me espantei: lá estava a parede da sala de cima, parecendo mais inteira do que nunca, inteiramente coberta de assinaturas nomes e marcas que lembram o "Quadro de Resenhas", só que na cor branca-gelo.

Aquilo tanto me intrigou que, um dia desses, no raiar da aurora, decidi ir até lá - mas andando atoa. Tinha uma volta para fazer na praia e aproveitaria para circular a rua central caminhando. Queria matar a minha curiosidade, observar melhor as paredes da sala de cima, tal vez experimentar a hora, e tentar admirar a manhã, o segredo de um quadro de inscrição permanente desarranjado, cada vez mais crescente como se fosse um livro no esboço ou presença.

Os turistas são quase sempre criatu-

ta-f
as sábi
Fiu.
Ja quas
mas, ainda
rei:

ro de 200

as sábias, que têm muito para contar. Fiu.

Já quase diante o prédio do sentinela mas, ainda sem cruzar a rua fronteira, pa rei; observando a beleza da fachada. E então meus olhos baixaram para as pedras esculturais que eu não me lembrava - naquela entrada, onde foram colocadas

por um prêso formando suave ladeira.

Vontade de me permanecer mais tempo numa da quelas salas, mas tão absoluta, que me curvo, repleto para praia.

Com esses pensamentos no tempo, não ad miro que a entrada do presídio esteja sempre em questão.

O tempo passa de novo...

A Antiga Casa de Visita Oficial do DESIPE

C.V.O.

Ainda é motivo de sonho

Um dia desses eu entrei nela num sonho e, depois, quando o dia amanheceu de todo eu fui lá visita-lá, levei a minha fotográfica a tiracolo. Com surpresa fiu da varanda ao tanque dos fundos e, ao fogão à lenha, onde arrancaram grandes recordações do antigamente.

O mais engraçado que esse antigamente não estava só, também estava presente nas cenas uma ou outra família igualzinha a minha, com três pessoas: - o Luiz, a Margarida e a Mônica. Misturavam com a Tereza e a Nanci, no pátio, no saguão, na mesa da refeição servida pelo interno Tininho, um amante do fogão, cozinheiro do grande fogão movido na lenha, na cozinha depois da copa, onde o fumaceiro era infernal, só aquele interno era capaz de se manter lá de olho ardendo na fumaça da lenha, muitas das vezes murchobenta no tempo de chuva. Um inferno de fumaça, brasa, fogo, cinza e picumã que deixou saudade e hoje é motivo de sonho, até, mesmo do tanque onde as mulheres lavavam roupas.



beira da rua de chegada pertinho do rio. No sonho estava eu divagando sobre pingentes assombrados, corredores e quartos envoltos em penumbra, aparições de mulheres que suspiram e se transformam em pássaros meio vampiros, morcegos pequenos do telhado voavam por cima da minha cabeça. Não estava pensando na casa. Mas eis que, enquanto dormia eu via no sonho, o cenário da C.V.O. era a mesma que já havia vivido com a família um período, muito tempo atrás logo no

princípio dos tempos, mais de uma vez, acho, um cenário sempre em meus sonhos, de um lugar onde vivi na realidade. O cenário da mesma casa que eu morei, um dia. Era dela que eu lembrava, compar tilhava com muita gente, entre elas o Luiz e a Margarida levando a Mônica, ainda pequenina, para suite dos fundos a dormir, caíndo de sono. Não de outra casa qualquer, mas daquela antiga em especial. Hoje, abandonada com dor, talvez seja esta a razão do meu devaneio.

E, é a ela que retorno agora, com a máquina de retrato à fotografar toda. O lugar onde vivi, eu e a família, num ambiente sem volta, só na lembrança, as melhores possíveis. Sempre a Margarida, e o Luiz presente, as nossas crianças correndo naquele salão comprido de muitas mesas.

Curioso que tenha sonhado com ela na semana passada, por este motivo resolvi visitá-la. A velha casa abandonada na

Vamos recomeçar:

"- Dei a volta. VOLTO À CASA pela frente, entrei ao mesmo quarto que comecei a vida com a família, no outro o Luiz, a Margarida e a Mônica. No cenário apereciam com perfeição a casa toda, no primeiro plano as duas famílias felizes cheias de sonhos:

- Toco neste instante com a ponta dos dedos, em cuidado extremo, sua porta impecável, feita agora apenas da matéria das lembranças que guardo." Empurro de vagar. A porta cede - estava entreaberta. Melhor assim pois não haverá risco de que se parta o cedro velho, fofo e arrepiado, os vidros se caem, no alto ainda presos pela moldura rachada nos portais, a lasca exibem duas fendas em vestical, de alto a baixo.

Entro. Olho em torno. As paredes, nuas, guardam marcas escuras nos lugares onde um dia houve quadros pendurados. Por toda parte, riscos, manchas e muitas rachuras são sinais de um tempo em que a casa foi viva, habitada. ergo os olhos. No centro do teto, uma cicatriz negra de fios expostos vazados num buraco só tomou o lugar da luminária de metal amarelo com pingentes de cristal em cachos escorridos até a mia altura.

Estremeço. Tenho a impressão de já ter visto este cenário algum dia na outra era passada. Sonho. Esfreguei os olhos arregalei-os mais ainda, cenário, conto -, tudo é recorrente aqui. Só o tempo não volta, a lei ensinou-me que: a "areia no campo físico da natureza não torna já mais a correr pela empulheta no mesmo instante e lugar" dos mares e rios.

Dou mais alguns passos como se estivesse conversando. Sigo o corredor.

O vestibulo que vai dar nos quartos está, como eu já esperava, mergulhado na penumbra. Há aqui um cheiro abafado, qualquer coisa lembrando frutas caídas ou flores murchas. Faz frio aqui dentro - já, o escuro caiu de repente -, na casa abandonada por onde vago na sombra. A casa que é agora um casarão sem fim, feita como ela era no sonho, apenas de sonho, de paredes incorpóreas, tijolos imateriais. Relembro as crianças chorando, ouço lhes a voz fina, as paisagens oníricas de "O Beijo do Vanpiro" da Novela das 19h quando o Boris de Tarcísio Meira em tom de humor e maldade visita suas casas martas em Maramores que pode se tornar a cidade dos vampiros. Um sonho dentro de uma realidade - continuo andando. Vejo agora que um dos quartos tem a porta entreaberta, parece que para eu, deixando ver gente descomposta por descuido. Espio pelas frestas. Mas tenho medo neste momento de encontrar ali a mulher, o pássaro vampiro, como das outras vezes em sonho.

De repente, um ruído. Recuo. Nada. Mas é um ruído banal, corriqueiro, som que vem do mundo real, provocando o efeito inédito de me trazer de volta.

abro os olhos. Estou desperto. A casa, por um momento tão vivo, tão material em sua lembrança, se dilui num segundo. A lembrança que me trás. E é com o coração fechado que relembro as palavras ouvidas fazem anos de alguém que passou pela rua, e viu a casa como era - a rua por onde eu agora venho mas tenho tristeza de passar:

- Abandonaram a casa da minha vida.

A lêm de tudo a sua.

Obrigado amigo sonho. 22-10-2002. 8h.

Panorama Nacional

O Brasil de Dentro Para Fora

"Agora é Lula." Virou bordão, ou seja a nota mais grave da Campanha Política, nacional do ano de 2002. Que mexeu com todos nós nessa insinuação do partido, logo no início da Campanha Eleitoral eu pensei que fosse provocação, por essa razão não dava muita atenção a musiquinha. E, também, eu não gosto de escrever essas coisas de Política, porque, costuma ser perda de tempo e aborrecimento de companheiro levado a esse debate da Causa Nacional fora do meu alcance de discursão.

Contudo tanto fiquei ouvindo que, acabei ficando intrigado com aquela síntese, exprimindo circunstância que, eu tento explicá-la agora ao modo, com toda rudeza, para não tirar a simplicidade do texto que você pode não entender, mas

tive todo cuidado para não complicar aquilo que, quase sempre é complicado para eu entender: - A Política Brasileira. Então, vejamos na minha opinião o que ora significava mais ou menos aquela oração; - "Agora é Lula". Eu digo no título: "O Brasil de Dentro Para Fora" é exatamente isso o sentimento induzido pela excelência do eco na Nação, que sempre foi voltada para um tipo de política, tal vez, nunca visto na prática que foi, construído de fora para dentro e de cima para baixo, o País por isso tal vez ficou dilacerado pela maior injustiça social do planeta não digo, mas da América sim, que sempre deram as costas ao povo, até chegarem ao desmonte do país mergulhado no descrédito do seu próprio filho que paga para ver mudar...:

quartos
de 2002
do

E, o outro Brasil "Agora é Lula", que parece ter inventado uma outra forma de baixo para cima e, de dentro para fora a partir dos movimentos sociais, dos partidos liberatórios e da Igreja da Libertação ecumênica, que vem por aí cegamente investindo na política daqui pra lá.

Com isso ele manteve soberano na campanha sobre o senhor José Serra que, tentava prolongar o status de ontem para chegar ao hoje com as contradições que, se encerra. Articulava-se internacionalmente com os homens do Dólar, do Fórum Econômico Mundial, para quem a Economia e o Mercado são o eixo de tudo.

"AGORA É LULA." Ele inaugura a ruptura para a História do Brasil, instaurado ra encarna o sonho de um Brasil no qual todos possam caber, sustentado pelas forças que se formam em contraposição àquela herança perversa. Sua referência mundial são gente do próprio Brasil, especialmente Porto Alegre, o Fórum Social Mundial, que têm a sociedade sustentável como centro.

Esse "Agora é Lula" difere por que cada um candidato usou as mesmas expressões mas seus conteúdos na bagagem são outros, porque diferentes são os projetos de base. O senhor José Serra falava de mudanças, mas nunca incluindo a natureza do poder e a nova figura do Estado. Para o Lula a mudança é de tipo de sociedade, "Agora é Lula" realmente representando as maiorias destruídas, ao garantir a natureza social do Estado, colocando a sociedade e a sustentabilidade no centro. O senhor José Serra falava de desenvolvimento, mas na lógica acumuladora do sistema imperante capitalista e globalizado que gera depois na prática os desequilíbrios que conhecemos.

Tudo pode acontecer nesse jogo da política, mas o Lula foi eleito por que fala a língua do povo com o seu "Agora é Lula" que, juro, falava ali de desen-

volvimento social e o povo entendeu perfeitamente, partindo do "Projeto Fome Zero", passando pelo "Banco do Povo" e culminando no presidente do Banco Central que pelo visto entende de fome. Senhor José Serra chamava Lula na verdade ao debate de conteúdos e de formas de fazer. Aquilo me surgia enganoso. Falavam, ali para o povo que não é mais bobo, via-se a partir daquele debate duas estrelas diferentes. Só as palavras eram iguais, os conteúdos são outros. Mas, ainda havia uma diferença fatal. Lula carrega a esperança, e o senhor José Serra a resignação. Lula com o seu "Agora é Lula", o novo; Serra, o remontado. Lula era o carisma; o senhor José Serra era o poder.

E, dizem os grandes filósofos que, poder sem carisma é um fardo pesado e, acumula índices de rejeição. Enquanto que carisma com poder irradia, e conquista corações. Foi o caso da onda "Agora é Lula." Lula se transformou, a semelhança do negro africano, em tudo por tudo desde a escravidão até Mandela, num símbolo para muitos no mundo. Não falava palavras, iguais ao senhor José Serra mas, coisas do povão de norte a sul.

Tem a responsabilidade nas mãos pelo que vestiu, conhece pelo sofrimento em sua própria pele a tragédia da família do nordeste e a grandeza do povo brasileiro. Ele se tornou maior do que o seu próprio partido PT, é neste caso o Brasil a ser reinventado a partir de uma nova base de poder, suporte de uma nova esperança.

Alcançar esse patamar, a história dá um salto. Irrompe. Tem força. Vitória de um movimento memorável e ao mesmo tempo dilacerador; encarnar para muitos, por um lapso de tempo, a esperança de todo um povo conforme diz a História Regional das Américas. O Poeta Latinoamericano Pablo Neruda. E, "AGORA É LULA" na História do Brasil.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOS

Um órgão que não mais responde conforme deveria responder aos grandes enigmas do nosso impasse, tal qual, encontra-se na área dos recursos humanos incubidos da operacionalização eficiente do sistema, os diretores finais ou último elo entre o associado e o dirigente.

Desses executores de superfície, que fazem diariamente o corpo-a-corpo com os moradores, o organismo panificador exige muito mais do que eles podem oferecer em contrapartida.

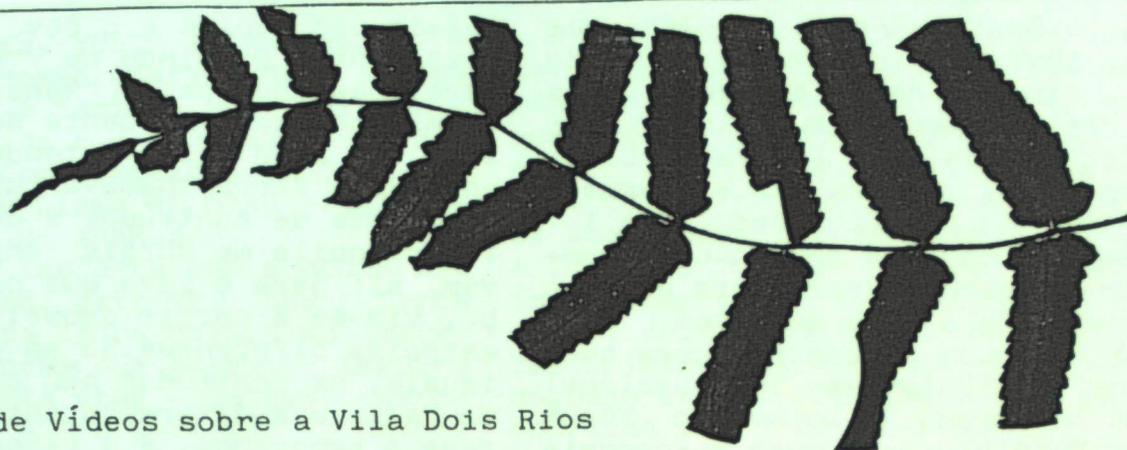
Em termos ideais eles deveriam compor uma verdadeira equipe de eleitos, dispondo de meios de discursão oral e escrita abundantes, ainda mais usando os meios modernos, da melhor tecnologia de re-

produção, inteligência, divulgação e organização.

Tornando-os imunes aos riscos naturais de contágio e comprometimento com o próprio morador. Como traçar uma intransponível linha divisória entre o caçador da lei e da ordem e os inimigos da comunidade, que constituem o seu alvo e sua caça?

Modernas políticas de projetos sociais logram resolver apenas parcialmente o problema. E que dizer dos vários agravos que ousam criar mais uma classe de vivente: "turista, morador, e agora a de clandestinos.

É um cenário surrealista. Ao mesmo tempo que numeroso tempo de moradia...



Tema: Mostra de Vídeos sobre a Vila Dois Rios

Agradecimentos e Comentários

À Professora Rosane e seus alunos: Kátia Paz e Oliveira - do Filme "Assim Se cessivamente"; Márcio - autor do Filme "Tereza de Quem?"; Daniela de Almeida - -, de o Filme "Clube da Perua"; Gustavo e Clóves, do Filme "A Volta do Cerco"; Mírian, Jaime e Virgínia - autores do Filme "A Vila Dois Rios Entre Agente", do (NAI) Núcleo de Antropologia e Imagem. Universidade do Est. Rio de Janeiro.

Referente aos filmes que produziram nesta Vila Dois Rios e, cuja coletânea foi exibida no dia 21-09-2002 às 19h no Centro de Convivência. Só posso lhes dizer como telespectador, e, morador da pobre vila, que, o trabalho do grupo, é um registro fundamental, um documentário digno de premiação. Nunca, em nenhum tempo, se registrou tanto e com tanta profundidade sobre o lado calado da vida que nos proporcionou, nos últimos dez anos ou mais a beleza e o sofrimento deste lugar.

Desde o tempo do Presídio o mais remoto; - ao Professor Márcio Tadeu, da Professora Maria Andréa e Marcos Vidal, e, sobretudo de documentários outros, que demonstrou haver nenhures trabalho entrando na realidade, e, que seja do nosso conhecimento.

Não há outra forma senão pelo caminho do amor como somente vocês tiveram à Comunidade de Dois Rios.

Essa avalanche completa-se com os estudos que mostram as ingruências e as insuficiências da neve, ora em maré vazante, para continuar impendendo uma sa

ída no convívio e no bem estar da comunidade.

O fundamentalismo de tese e projeto social, cercada de prestígio em seus primeiros momentos, foi o bastante, na visão da atualidade, - de um povo.

QUEM era essa Professora? E seus alunos que viveram apenas algumas horas, eu nem a conhecia, e mostraram-me um século, cercada pelo respeito e pela admiração de meus contemporâneos. Foram, sem dúvida, uns intelectuais situados acima das classes e das ideologias. Mas, foram muito mais: foram os mensageiros de uma terra incógnita, onde aproveitando o que sobrou estaria banida a miséria e a injustiça.

Suas mensagens no conjunto de filmes daquela noite 21-09-2002 falavam à imaginação dos homens da Vila Dois Rios e despertavam a esperança das gerações mais novas.

A pessoa que foi capaz de desenhar nas fitas de filmes uma época e construir uma amostra dos fundamentos de um povoado chama-se - quando virá outra? -: Professora Rosane e seus alunos do Curso de Antropologia e Imagem.

O meu muito obrigado em nome de toda a Comunidade: pela música do lugar; pela música do cotidiano; o trabalho desta gente, o lazer e sobretudo a mensagem que traz a esperança de um povoado, que move a história do lugar numa outra dimensão. Os filmes são alegres e expõem valores de uma família, tradicional.

Mais uma vez - obrigado, Professora.



Os TESTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hotair, rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.